



**ANEXO A - SISTEMAS ESTRUTURANTES**  
**TINTO E TORTO**

## ÍNDICE

O Sítio.....	1
Património Cultural .....	8
Património Natural .....	19
Acessibilidades .....	21
Equipamentos.....	29
Projectos.....	30
Bibliografia .....	31

### Índice de imagens

Rio Tinto (Porto)

Vale do Rio Tinto (Gondomar)

Quinta do Paço (Gondomar)

LIPOR – Horta da Formiga (Gondomar)

Rio Tinto e Aterro Sanitário de Monte Pedrosa (Gondomar)

Paúl e Garleria Ripícola do Rio Torto (Porto)

Vale do Rio Torto (Porto e Gondomar)

Capela e Cruzeiro do Senhor do Calvário (Porto)

Casa de Montezelo (Fânzeres – Gondomar)

Vale do Rio Torto (Venda Nova – Gondomar)

Nascente do Ribeiro de Fânzeres (Gondomar)



## ICONOGRAFIA

Rio Tinto (Porto) | Vale do Rio Tinto (Gondomar)



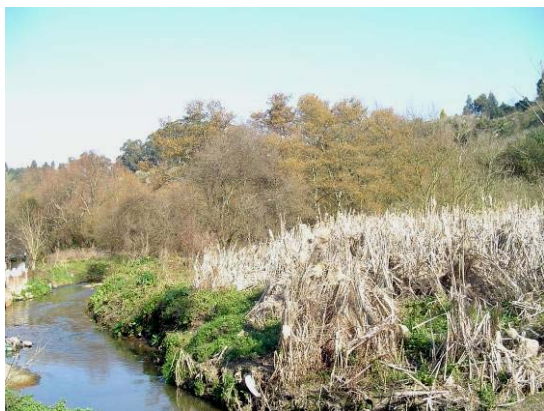
Quinta do Paço (Gondomar) | LIPOR - Horta da Formiga (Gondomar)



Rio Tinto e Aterro Sanitário de Monte Pedrosa (Gondomar) | Vale do Rio Tinto (Gondomar)



Paúl e Galeria Ripícola do Rio Torto (Porto) | Vale do Rio Torto (Porto e Gondomar)



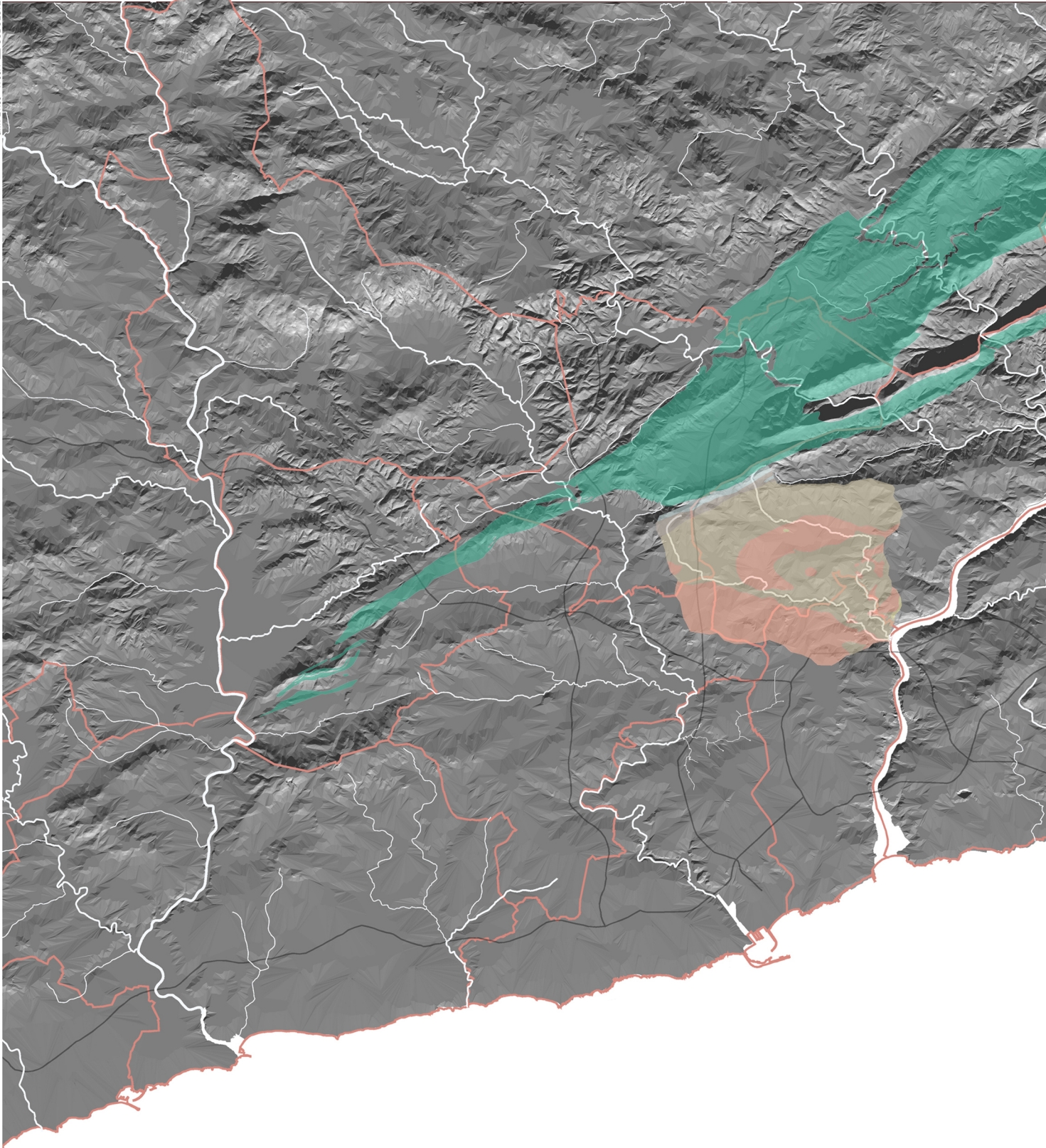
Capela e Cruzeiro do Senhor do Calvário (Porto) | Casa de Montezelo (Fânzeres – Gondomar)



Vale do Rio Torto (Venda Nova - Gondomar) | Nascente do Ribeiro de Fânzeres (Gondomar)

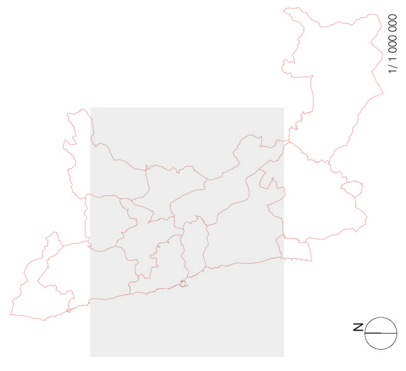




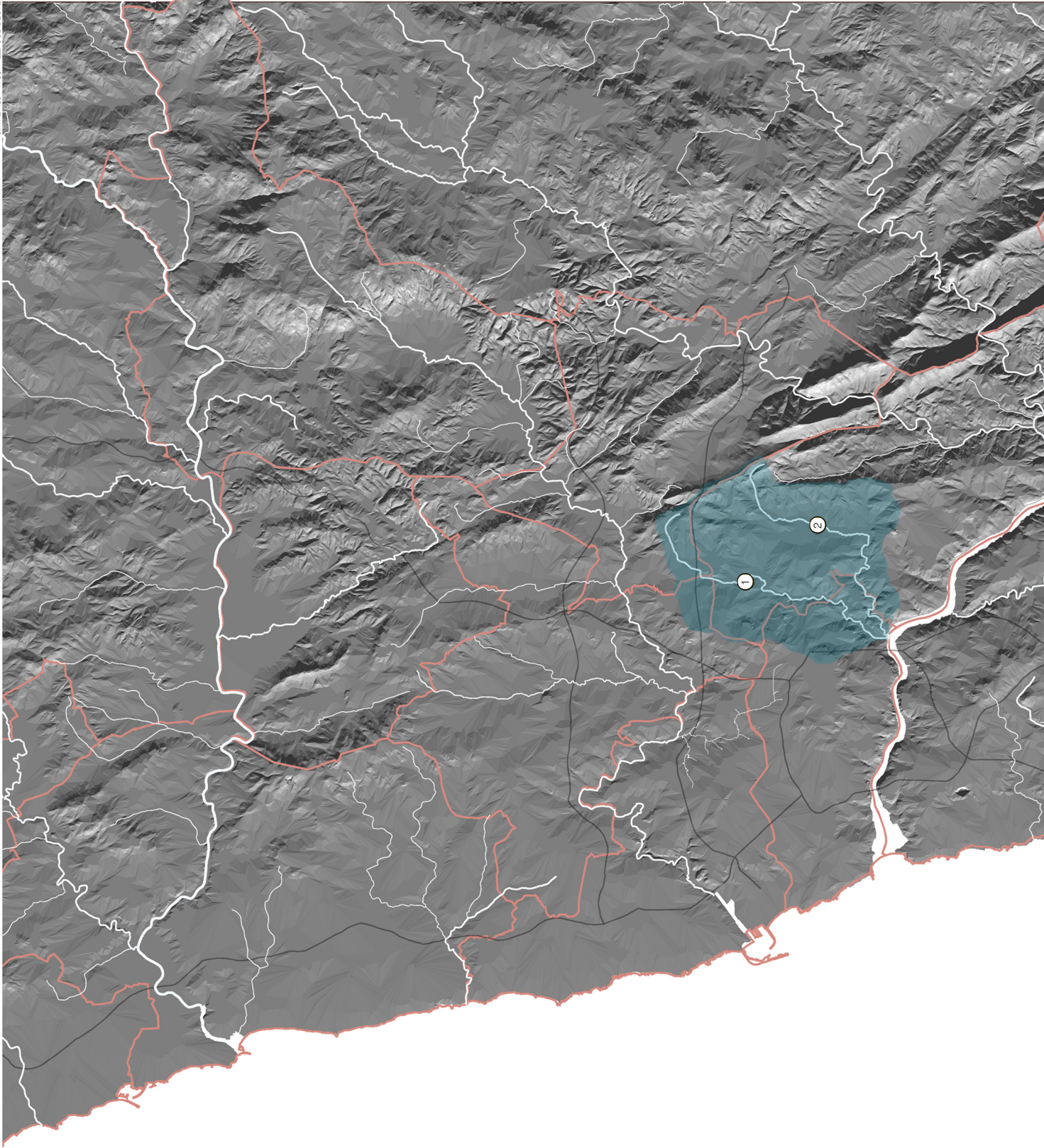


01 RIOS TINTO E TORTO | GEOLOGIA

- Carbónico Devoniano
- Aluviões e Fluvissolos
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauwáquico
- Ordoviciano
- Pilo-pliocénico

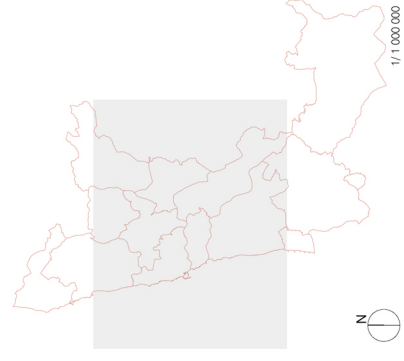




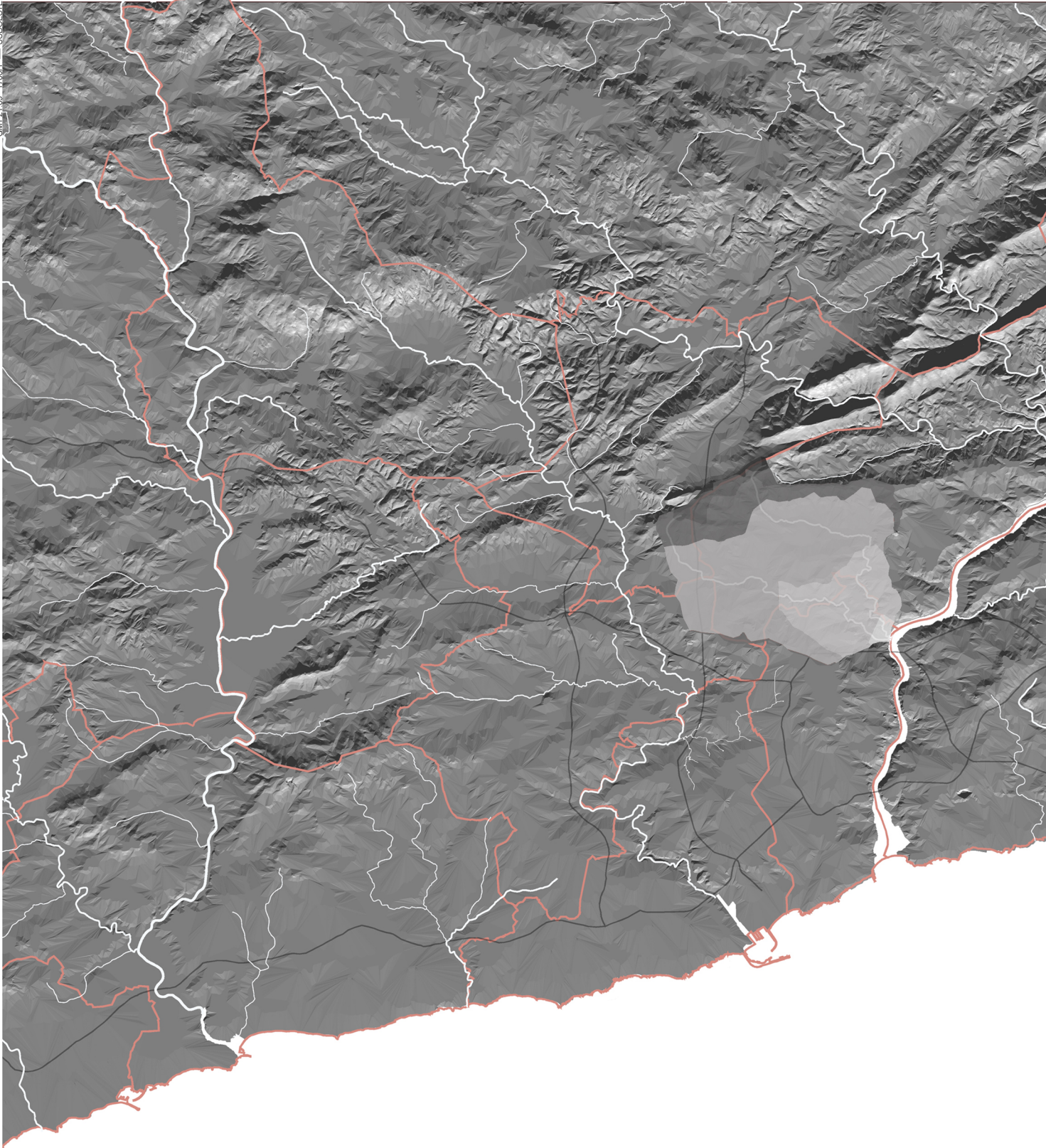


### 02 RIOS TINTO E TORTO | HIDROGRAFIA

- 1 Rio Torto
- 2 Rio Tinto
- Bacia Hidrográfica dos Rios Tinto e Torto





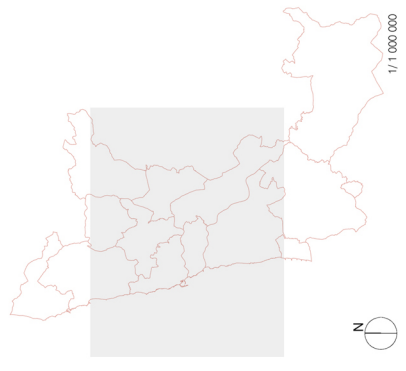


03 RIOS TINTO E TORTO | HIPSOMETRIA

- 0 - 50 metros
- 50 - 100 metros
- 100 - 150 metros
- 150 - 200 metros
- 200 - 250 metros
- 250 - 300 metros
- > 300 metros

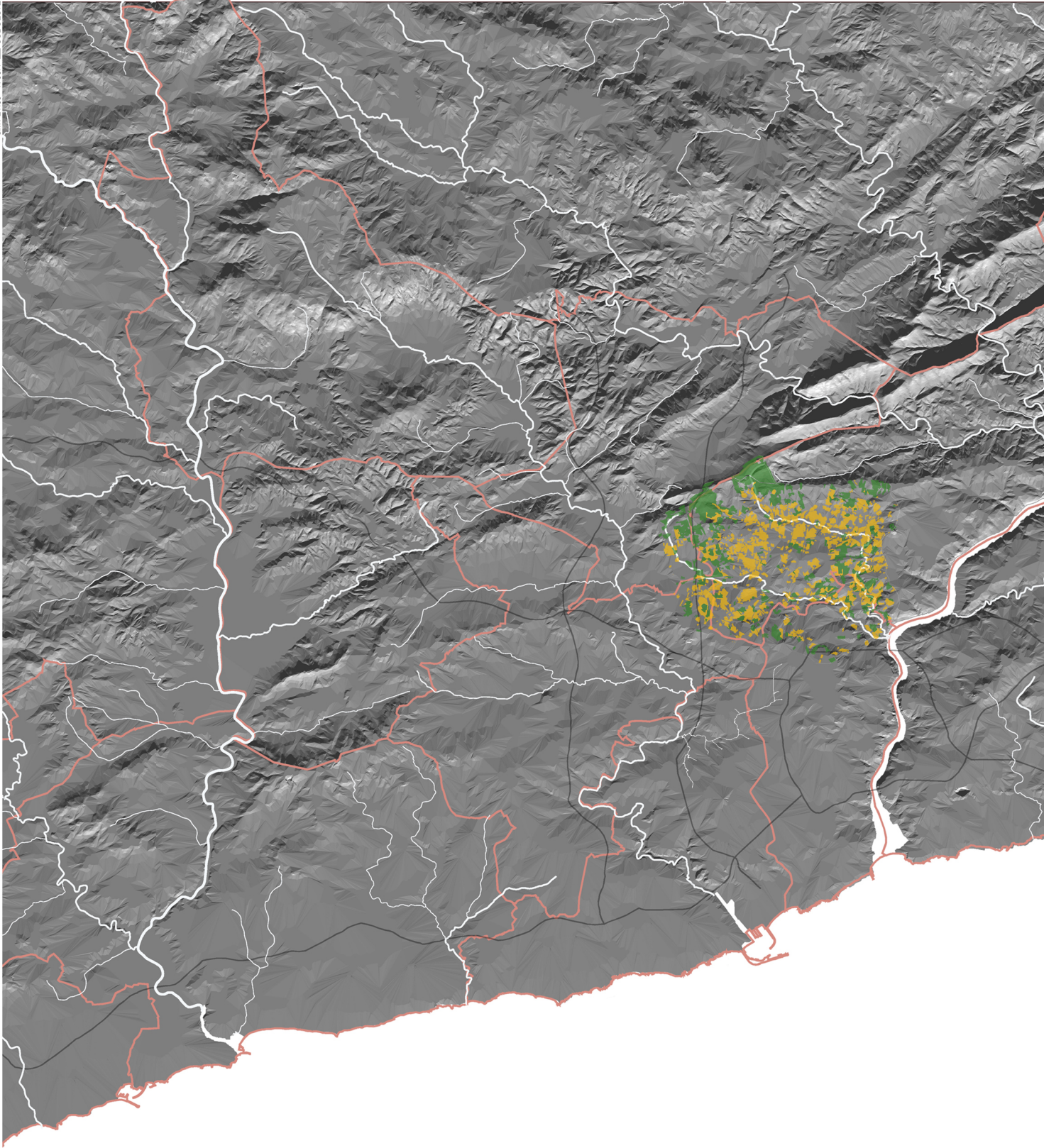
03 RIOS TINTO E TORTO | HIPSOMETRIA

1 km



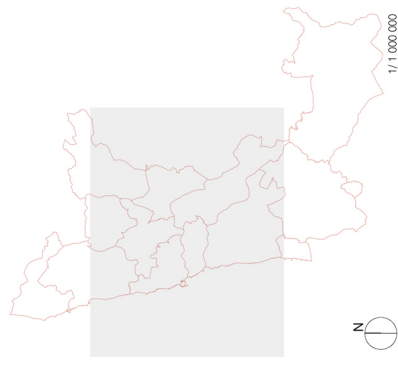
1/1.000.000





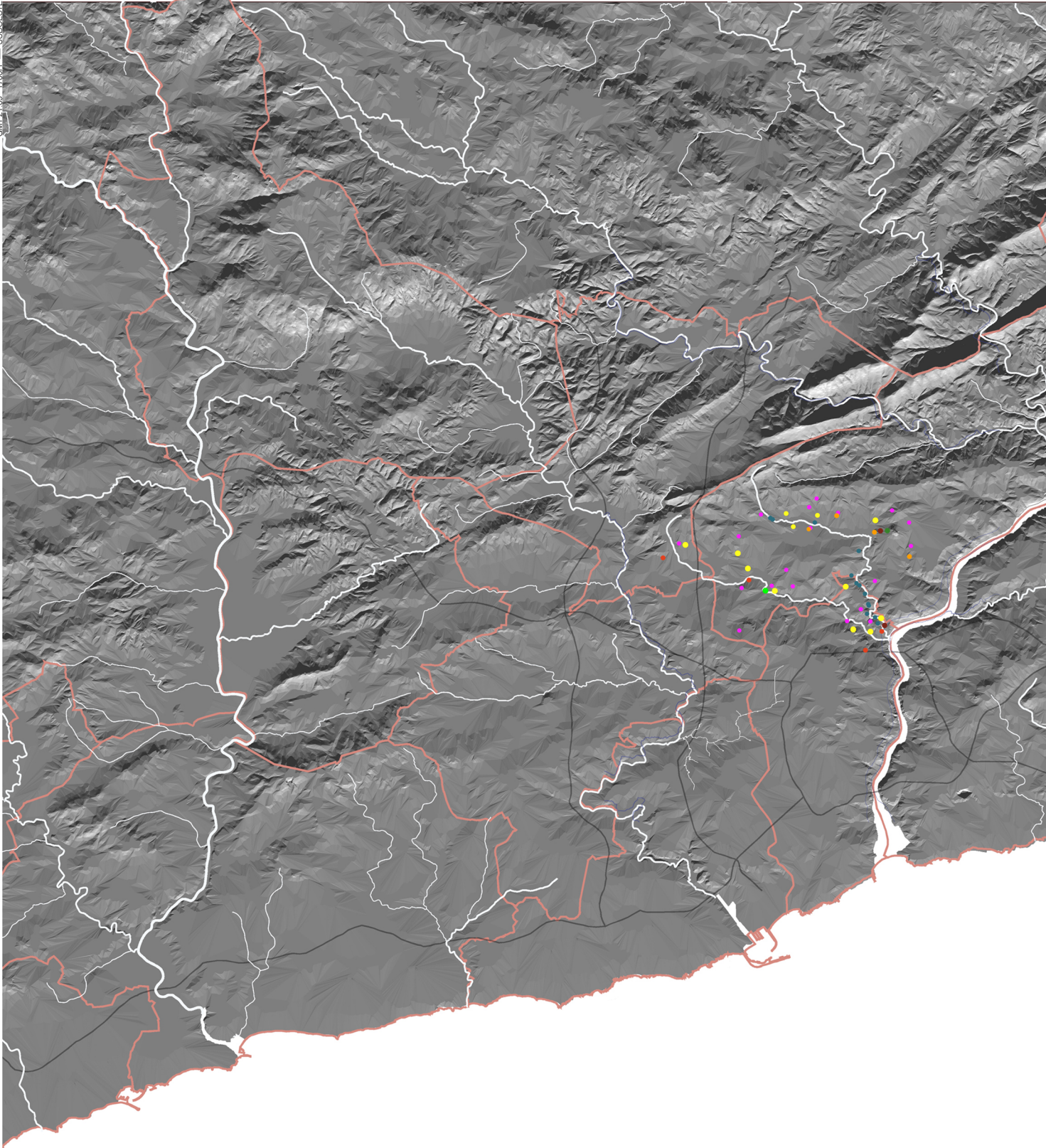
04 RIOS TINTO E TORTO | OCUPAÇÃO DO SOLO

- Agrícola
- Florestal



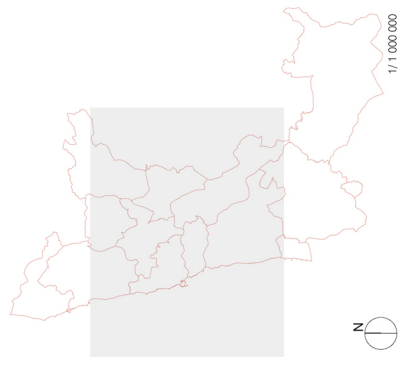
04 RIOS TINTO E TORTO | OCUPAÇÃO DO SOLO





05 RIOS TINTO E TORTO | PATRIMÓNIO

- Património religioso
- Quintas
- Parques
- Moinhos e Azenhas
- Montes
- Património arquitectónico
- Equipamentos
- Aldeias e Núcleos rurais



## IDENTIFICAÇÃO

**Nome:** “Rios Tinto e Torto”

**Área (ha):**

**Freguesia (s):** Valongo (Ermesinde); Gondomar (Rio Tinto, Baguim do Monte, Fânzeres, Gondomar (São Cosme), Valbom)); Porto (Campanhã).

**Concelho (s):** Valongo, Gondomar e Porto.

## DESCRIÇÃO

### O Sítio

O rio **Tinto**, que desagua na margem direita do rio Douro, é um rio com extensão e caudal bastante modesto, estando todo o seu curso dentro da Área Metropolitana do Porto. O **rio Tinto** nasce em **Ermesinde**, no concelho de Valongo, percorrendo nesta freguesia cerca de 3,3 km, depois segue para a freguesia de Rio Tinto no concelho de Gondomar onde percorre cerca de 5,4 km e por último entra na freguesia de Campanhã, no concelho do Porto, onde percorre cerca de 3 km antes de desaguar no rio Douro no lugar do **Freixo**. O comprimento total do rio Tinto é de aproximadamente 11,7 km.

*“Junto do palácio (do Freixo) conflui no Douro um pequeno riacho – o rio Torto, que desde os altos de Fânzeres e Gondomar; mais a jusante, outro riacho: o rio Tinto...”* in FCG (1985)

Quanto à **etimologia** do nome do **rio Tinto**, a lenda diz que o nome deve-se a uma batalha entre cristãos e muçulmanos, que terá ocorrido nas margens do rio, e tal foi a mortandade que ocorreu, que tingiu as águas de vermelho ([www.jf-riotinto.pt](http://www.jf-riotinto.pt)). Mas o topónimo já existiria aquando da batalha entre o rei Ordonho II de Leão e o rei Abderrahmann de Córdova (que terá ocorrido próximo do lugar do Caneiro), a qual terá sido no ano 920 da era cristã, e segundo um autor em 1825: *“a cor das águas deve-se à natureza do solo pois o dito (rio) corria por um leito devoniano onde abundava o grés vermelho”* (Marinho, 2003). Também o topónimo Ranha que significa «choro» (actualmente um lugar de Rio Tinto), está ligado ao rio segundo a Monografia de Campanhã, pois quando a corrente era forte e arrastava terras férreas que davam um tom avermelhado às águas do rio, as mulheres daquele lugar, que consideravam ser um sinal de que algo de mau estava para acontecer, juntavam-se junto ao rio clamando e chorando (Marinho, 2003). No Guia de Portugal é referido que em Campanhã corria uma linha de água (que vinha do alto do Monte Aventino) conhecida como o **regato de Mijavelhas** (rio Tinto), onde durante o Inverno funcionavam algumas azenhas como a de Tiraz e de Tavlhe, etc. (FCG, 1985).

O rio Tinto nasce em Ermesinde no lugar da Formiga, muito perto do limite com a freguesia de Rio Tinto, que cruza mais ou menos a meio numa direcção dominante Norte-Sul e tem como afluentes pequenos



ribeiros, sendo descrito o **vale do rio Tinto**, nas Memórias Paroquiais de 1758 de Rio Tinto, como um comprido e largo vale, com declives geralmente pouco acentuados (Magalhães *et al.*, 1999a). São vários os topónimos relacionados com o vale do rio Tinto, tais como Varziela que significa “pequena planície cultivada”, Chão Verde que quer dizer “lugar plano”, bem como abundam os topónimos ligados à anterior ocupação do solo por espécies arbóreas tais como Carvalheiras (carvalhos – *Quercus robur*), Souto, Soutelo e Castanheira (castanheiro - *Castanea sativa*), Ameal (amieiros – *Alnus glutinosa*), bem como Giesta (*Cytisus sp.*) já a reportar à vegetação arbustiva. Também junto do rio abundavam os freixos (*Fraxinus angustifolia*), choupos (*Populus sp.*) e salgueiros (*Salix atrocinerea*), bem como o sobreiro (*Quercus suber*) marcava presença principalmente nas encostas do vale do rio. Na vegetação arbustiva autóctone destacava-se o tojo (*Ulex sp.*), a urze (*Erica sp.*), as giestas (*Cytisus sp.*) e as silvas (*Rubus ulmifolius*), no sistema campo-bouça, eram recolhidos matos para a cama dos animais e posteriormente o estrume era utilizado para fertilizar os campos agrícolas (Magalhães *et al.*, 1999a).

Camilo Oliveira (1983), descreve assim o rio Tinto: “*Nasce próximo de Ermezinde e passa por Medancelhe, Lourinha, ponte de Rio Tinto, Pêgo Negro e desagua no Esteiro de Campanhã. Neste ribeiro e próximo de Medancelhe desagua um pequeno regato denominado «Granja» e que nasce próximo da Areosa e um outro denominado «Contumil» que nasce no lugar de Contumil, passa próximo da estação do caminho de ferro de Campanhã e desagua no mesmo ribeiro, no lugar de Benjóia, freguesia de Campanhã. Existem neste ribeiro os seguintes peixes: boga, escalo e enguia.*”

...“*No lugar da Mão Pedrosa há a nascente do Rio Tinto que atravessa a freguesia e entra na freguesia de Campanhã, no lugar de Pêgo Negro. Quási na sua foz, chamam-lhe o Ribeirinho e forma aí um lavadouro público, a montante da ponte de pedra...*”

Quanto à **geomorfologia**, o troço final do rio **Tinto**, assenta em **vales de fracturas** (Silva, 2006). Sendo que na **litologia**, o **rio Tinto** drena na margem direita principalmente áreas de granito de grão médio a fino essencialmente biotítico e na margem esquerda os xistos, grauvaques e outras rochas metassedimentares (Carta Geológica de Portugal).

A **despoluição da bacia hidrográfica do rio Tinto** é considerada como um dos maiores objectivos estratégicos dos sistemas de drenagem e tratamento de águas residuais na Área Metropolitana do Porto ([www.futurosustentavel.org/fotos/ambiente/Estrategias\\_para\\_uma\\_Gestao\\_Sustentavel\\_Paulo\\_Monteiro.pdf](http://www.futurosustentavel.org/fotos/ambiente/Estrategias_para_uma_Gestao_Sustentavel_Paulo_Monteiro.pdf)). Segundo declarações proferidas numa reunião extraordinária de Janeiro de 2008 da Câmara Municipal do Porto, pelo seu Vice-Presidente, a despoluição do rio Tinto está ser tratada em conjunto com as câmaras municipais de Valongo e Gondomar e foi apontado um prazo de dois anos (até 2010) para a despoluição do **rio Tinto** estar concluída ([www.cm-porto.pt](http://www.cm-porto.pt)).

A **bacia hidrográfica do rio Tinto** foi considerada prioritária, na recuperação de linhas de água da Área Metropolitana do Porto, no âmbito do grupo de trabalho constituído com a participação das câmaras

municipais da região, organizações não governamentais, especialistas universitários, empresas, CCDR-N e outras entidades governamentais. Assim a requalificação e renaturalização desta bacia deverá privilegiar acções que incidam em:

*"- Troços a descoberto com elevado interesse ao nível da biodiversidade, factor que poderá multiplicar-se a outros troços;*

*- Troços que cruzem Espaços Verdes Urbanos, quaisquer que sejam as suas dimensões;*

*-Troços que cruzem zonas agrícolas;*

*- Troços cobertos que cruzem áreas urbanas e que possam vir a ser alvo de intervenção no sentido de o pôr a descoberto e alvo de uma integração com o local em que se inserem;*

*-Troços integrados em espaços nos quais se possam instalar equipamento de lazer e de descoberta e observação da natureza." in [www.futurosustentavel.org](http://www.futurosustentavel.org)*

Na **qualidade da água**, P. Reis (2002), em amostragens realizadas no concelho do Porto, assinalou uma carga orgânica média no **rio Tinto** de 7,1 ton/dia (com valores diários que variavam entre 5,1 e 13,3 ton/dia). Já o IQG (Índice de Qualidade Global da Água) do rio Tinto, nos mesmos pontos de amostragem, tem a classificação **péssima** ou **má** (Reis P., 2002).

Noutros tempos as águas do Rio Tinto estavam povoadas por trutas, e nas margens funcionava um grande número de moinhos e nos campos era cultivado um grande número de produtos agrícolas. Desde há décadas que é alvo de **agressões ambientais** tais como a deposição de aterros e de todo o tipo de lixos, a destruição da vegetação ribeirinha, a construção mesmo em cima das linhas de água, o entubamento de troços do rio e o despejo de efluentes domésticos e industriais (<http://jup.pt>).

O **rio Tinto** apresenta **graves problemas de poluição** desde a **nascente**, em Ermesinde. Há ligações clandestinas (por exemplo no lugar da Formiga) que debitam esgotos logo na cabeceira do rio; e suspeitas de infiltrações de águas mal tratadas provenientes do aterro sanitário da Lipor (já encerrado) e da ETAR da cidade de Rio Tinto (onde o rio foi entubado numa extensão de 600 metros). Todos estes factores contribuem para que, ao longo do curso, o rio apresente nos três concelhos, locais onde o nível de poluição é tão elevado, que o valor dos coliformes fecais e das bactérias é superior a 100 vezes o valor permitido por lei, encontrando-se mesmo larvas aquáticas que apenas sobrevivem em ambientes aquáticos com elevados níveis de poluição. (<http://moveriotinto.no.sapo.pt/artigoPedroTeigaPrimJaneiro.pdf>).

Apesar da **ETAR do Freixo** estar em funcionamento na zona oriental da cidade do Porto, o **rio Tinto** já vem contaminado da zona a montante, e mesmo no troço final, a taxa de cobertura do saneamento básico das habitações do vale é muito baixa, quer no Porto, quer em Gondomar ([www.apagina.pt](http://www.apagina.pt)).



O **Movimento em Defesa do Rio Tinto**, em conjunto com a comunidade escolar, criou um projecto de modo a ter 2,5 km do rio Tinto monitorizado, com vista à sensibilização para a problemática da poluição e a criação de sinergias com instituições que tenham responsabilidade na melhoria da qualidade da água. O projecto conta com cinco grupos de trabalho e a cada um é atribuído um troço de 500 metros por um determinado período de tempo. É feita a recolha «*in loco*» das características do ecossistema fluvial, de preferência no final de Novembro e início de Maio, sendo enviados os resultados para a entidade coordenadora nacional. Este tipo de parceria enquadra-se no âmbito do Projecto Rios, que foi inicialmente criado em Espanha e também está a ser adoptado em Portugal (<http://moveriotinto.no.sapo.pt/artigoPedroTeigaPrimJaneiro.pdf>).

**Rio Tinto** foi durante séculos uma povoação agrícola, com predomínio de explorações em minifúndio, onde se cultivava essencialmente, **milho** e ainda centeio e cevada, bem como hortaliças e frutas, havendo também criação de gado (especialmente bovino). Actualmente a **agricultura** nesta freguesia como noutras atravessadas pelo **rio Tinto**, resume-se no essencial ao cultivo para consumo familiar ([www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc](http://www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc)). A abundância de água, juntamente com a fertilidade do solo, fez com que até meados do século XX a agricultura fosse a principal fonte de riqueza da população, existindo ainda em 1989 algumas explorações agrícolas com uma área razoável, (cinco explorações com mais de 10 ha no total de 99), sendo que o escalão mais representado (20 explorações agrícolas) era as de área entre 5 e 10 ha, segundo os censos agrícolas de 1989 do INE, a Superfície Agrícola Utilizada na freguesia de Rio Tinto contabilizava 339 hectares (Magalhães *et al.*, 1999a).

Nos impostos pagos pelo **Mosteiro de São Cristovão de Rio Tinto** em 1390, antes da difusão das novas **culturas agrícolas** provenientes da América, surgem as seguintes culturas: o trigo, a aveia e o milho miúdo. Com a difusão da cultura do milho grosso e da batata, difundidas amplamente a partir do século XVIII, o milho-grosso veio ocupar a maior parte dos terrenos de cultivo do Entre Douro e Minho, mas nas Memórias Paroquiais de 1758, também são referidas outras produções agrícolas em Rio Tinto, tais como o trigo, centeio, milho-miúdo, vinho verde, nabos, grelos e outras hortaliças e também frutas variadas. Já a vinha, segundo estatísticas agrícolas de 1911, era explorada em ramada e em maior número em enforcado, rondando a produção pelas 1800 pipas de vinho verde, sendo que na mesma data já não havia o cultivo de trigo, e que a produção de centeio rondava os 1600 alqueires e a de milho os 555 alqueires em 1912 (Magalhães *et al.*, 1999a). Mas segundo Oliveira (1983), em 1926, **Rio Tinto era a freguesia com maior produção de milho no concelho de Gondomar** já com 936 820 litros.

A partir da década de 40 do século XX, há uma maior diversidade na produção agrícola, com aumento das culturas destinadas à venda tais como o vinho, batata, cebola e outras hortícolas mas, em 1943, o milho ainda continuava ser a principal cultura agrícola com uma produção de 1235 toneladas (Magalhães *et al.*, 1999a).

Ainda há poucas décadas, grande parte da área actualmente ocupada por urbanizações e prédios urbanos em **Rio Tinto** era ocupada por quintas, algumas das quais de “brasileiros de torna-viagem”. A **Quinta dos Perdigões**, a **Quinta de Chão Verde** e a **Quinta de Campainha** são algumas das muitas que aí existiam. A primeira no lugar de Venda Nova /lugar de São Sebastião, já pagava foro ao Convento de São Bento de Avé Maria do Porto e também era conhecida como Quinta da Cerca (pela cerca que a delimitava), cuja casa “Casa Velha” terá segundo os proprietários cerca de 300 anos, e a casa mandada erigir por um brasileiro de torna-viagem que adquiriu a quinta em 1908, um palacete de escada de dupla entrada, possui um jardim com magnólias, camélias, ácer, rododendros e até há pouco tempo na quinta ainda se cultivava vinha, hortícolas e cereais (Magalhães *et al.*, 1999a).

A **Quinta de Chão Verde** possui uma casa típica do “brasileiro”, o dono era natural de Fânzeres e esteve emigrado no Brasil durante 35 anos, tendo dado início à edificação da casa (palacete) e quinta no ano de 1864, mas algumas partes do jardim foram concluídas já no século XX. Destaca-se o jardim, de modelo francês, geométrico e estruturado segundo dois eixos, com pormenores que minimizam o espaço limitado (Magalhães *et al.*, 1999a).

A **Quinta da Campainha** ainda possui, apesar das parcelas que foram alienadas para a construção de urbanizações, espaços com tanques e bicas espalhados pela quinta, como o tanque das Andorinhas, o tanque de São João, a Bica da Raposinha, e ainda um grande número de árvores de fruto e de espécies ornamentais como magnólias, camélias, acácias. Na entrada, possui um portal brasonado, que leva a uma alameda arborizada, que conduz à casa principal em cuja frontaria surge a data de 1694 e também existe a casa do caseiro com eira, bem como a **capela privativa de Nossa Senhora da Conceição** (Magalhães *et al.*, 1999a).

A **Quinta das Freiras** em Rio Tinto, cujo nome advirá da ligação ao antigo mosteiro, confronta a Norte com o rio Tinto, actualmente entubado. Possuía uma abundante vegetação, com árvores frondosas e ainda um lago, tendo sido adquirida em 1965 pela Câmara Municipal de Gondomar, com o intuito de aí desenvolver um espaço lúdico e também desportivo. Anos após a aquisição, a Câmara Municipal de Gondomar procedeu ao arranjo de espaços de modo a criar campos de jogos e um circuito de manutenção, equipamento que por falta de vigilância e conservação se degradou rapidamente (Magalhães *et al.*, 1999a).

O rio **Torto** é um afluente na margem direita do rio Douro. É um rio de extensão e caudal bastante modesto, estando todo o seu curso dentro da Área Metropolitana do Porto. O **rio Torto** nasce em **Baguim do Monte** onde percorre cerca de 2,5 km, depois passa por Fânzeres numa extensão de cerca de 3,5 km, por Gondomar (São Cosme) em cerca de 3 km, faz fronteira entre São Cosme e Campanhã durante cerca de 400 metros, entre Valbom e Campanhã durante aproximadamente 800 metros e, por fim, percorre cerca de 2 km em Campanhã até desaguar no rio Douro no lugar do **Freixo** a montante da foz do rio Tinto. No total possui um comprimento de cerca de 12 km.



*"Junto do palácio (do Freixo) conflui no Douro um pequeno riacho – o rio Torto, que desde os altos de Fânzeres e Gondomar ..."* in FCG (1985)

O **rio Torto** deve a sua designação actual ao seu traçado sinuoso "rio que faz muitas voltas", num documento do ano de 994 era referido como "*ribulum campania*", ou seja **rio de Campanhã** ([www.j-f.org/monografia](http://www.j-f.org/monografia)). Mas nas Memórias Paroquiais de Fânzeres de 1758, vem referido como **rio da Barge**: "*O Rio que tem esta terra é um regato pequeno e chamado o rio da Barge: nasce no último lugar desta freguesia, chamado lugar do Seixo...Neste rio entra outro regato somente em lugar desta freguesia chamado Passo...*" (naquele registo consideravam a nascente do rio Torto em Fânzeres) (Magalhães *et al.*, 2005). Mas ainda hoje há topónimos locais como Regadas, Rio da Bica e Várzea que estão intimamente ligados ao rio que atravessa Fânzeres.

Assim é descrito o rio Torto por Oliveira (1983): "*Nasce na Serra de Valongo, entra nos lugares de Seixo e Pontelhas da freguesia de Rio Tinto, entra pelo lugar do Paço, da freguesia de Fânzeres, Ponte de Real, da freguesia de S. Cosme, Fura Montes e Azevedo, da freguesia de Campanhã e desagua no rio Douro, junto à Fábrica de Moagens A Invicta. Em Fontelhas desagua neste ribeiro um pequeno regato denominado Baguim do Monte e que nasce no lugar da Formiga, freguesia de Ermezinde. Além deste, há um outro afluente denominado Taralhão, que nasce no lugar de Taralhão e desagua no Rio Torto no lugar de Ponte Real. Os peixes que existem neste ribeiro, são: a boga, o escalo e a enguia.*"

O rio Torto corre preferencialmente de Norte para Sul, mudando a direcção a partir do Taralhão (Gondomar) passando a ser a direcção dominante Este-Oeste. No Seixo (Fânzeres), nasce um afluente do Torto, localmente conhecido por **ribeiro de Fânzeres** e, até desaguar no rio Torto no lugar do Paço, passa por Regadas e Felga (Magalhães *et al.*, 2005).

Quanto à **geomorfologia**, o troço final do rio **Torto** assenta em **vales de fracturas**. Sendo que na **litologia**, o **rio Torto** drena principalmente rochas metassedimentares, e também áreas mais pequenas de granitóides (Carta Geológica de Portugal). A configuração suave das elevações e do relevo em Fânzeres deve-se à constituição geológica com predominância de rochas xistosas, cuja erosão dá origem a solos argilosos, o que os topónimos locais de Xistos e Barreiros acentuam (Magalhães *et al.*, 2005). Mas também há em Fânzeres os afloramentos graníticos da Várzea, Alvarinha e Costa, bem como os depósitos de calhaus rolados do Seixo (cujo nome advirá dessa particularidade geológica) (Magalhães *et al.*, 2005).

A despoluição da bacia hidrográfica do rio **Torto** é considerada como um dos maiores objectivos estratégicos dos sistemas de drenagem e tratamento de águas residuais na Área Metropolitana do Porto ([www.futurosustentavel.org/fotos/ambiente/Estrategias\\_para\\_uma\\_Gestao\\_Sustentavel\\_Paulo\\_Monteiro.pdf](http://www.futurosustentavel.org/fotos/ambiente/Estrategias_para_uma_Gestao_Sustentavel_Paulo_Monteiro.pdf)).

Na **qualidade da água**, Reis (2002), em amostragens realizadas no concelho do Porto, assinalou uma carga orgânica média no **rio Torto** de 1,7 ton/dia (oscilando os valores entre 0,65 e 4,7 ton/dia). Já o IQG (Índice de Qualidade Global da Água) do rio Torto, nos mesmos pontos de amostragem, tem a classificação **péssima** ou **má** (Reis, 2002).

No registo das Memórias Paroquiais de Fânzeres de 1758, refere-se a abundância dos pequenos **peixes** de barbatanas vermelhas, a que chamavam reixelos e também das **enguias**, havendo pescaria livre de cana e anzol durante todo o ano nas águas do rio Torto (Magalhães *et al.*, 2005). Já nas margens do rio Torto em Fânzeres, onde era praticada a agricultura, abundavam os **amieiros** (*Alnus glutinosa*), os **salgueiros** (*Salix atrocinerea*), os **castanheiros** (*Castanea sativa*) e os **carvalhos** (*Quercus robur*) (com videiras de enforcado) (Magalhães *et al.*, 2005).

**Fânzeres** foi durante séculos uma povoação de vocação agrícola, com predomínio de explorações em minifúndio, onde se cultivava essencialmente, **milho** e ainda centeio e cevada, bem como hortaliças e frutas, havendo também criação de gado (especialmente bovino). Actualmente a **agricultura** nesta freguesia, como noutras atravessadas pelo **rio Torto**, resume-se ao cultivo para consumo familiar. Em **Fânzeres**, o **linho** também era produzido e tecido em termos artesanais, em 1881, segundo inquéritos, havia aproximadamente 100 teares de linho ([www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc](http://www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc)). Já nas Memórias Paroquiais de 1758, eram referidos como principais produtos agrícolas de Fânzeres, o milho, centeio e a cevada (Magalhães *et al.*, 2005). Já nas zonas das encostas serranas de Fânzeres que alimentam o caudal do rio Torto, havia lebres, coelhos e perdizes, bem como o pastoreio de bovinos, muares e ovinos (Magalhães *et al.*, 2005). Em Fânzeres, segundo o INE, os **efectivos pecuários** em 1999, contabilizavam 288 cabeças de gado **bovino** e 310 **ovinos**, tendo verificado uma redução do número de cabeças de gado bovino em mais de 40 % e um aumento de cerca de 50% no número de cabeças de gado bovino em comparação com os dados relativos ao ano de 1989 (Magalhães *et al.*, 2005).

O vale do rio Torto, largo e aplanado no seu troço em Fânzeres, permitiu que esta freguesia fosse durante séculos uma povoação de vocação **agrícola**. No recenseamento agrícola do INE de 1989 a Superfície Agrícola Utilizada (SAU) era 267 hectares, mas uma década depois era de apenas 141 ha, o que evidencia o declínio da actividade agrícola, devido em grande parte ao abandono da actividade agrícola (região de minifúndio) e pela urbanização e expectativas de valorização dos terrenos com a construção (Magalhães *et al.*, 2005). Em 1999, segundo dados do INE, as principais **culturas temporárias** em Fânzeres, no vale do rio Torto, eram os cereais para grão com 57 ha, os prados temporários e culturas forrageiras com 58 ha e as culturas hortícolas com 40 ha. Já nas culturas permanentes a **vinha** com 24 hectares era a única com área declarada. Mas nos lugares ribeirinhos do Torto em Fânzeres, como Alvarinha, Tardinhade e outros ainda se cultiva o **milho** (que em 1926 atingia a produção de 694 690 litros (Oliveira, 1983)) e mantém-se muitas das estruturas fundiárias ligadas à



agricultura como eiras, espigueiros, celeiros (Magalhães *et al.*, 2005). Os solos férteis de São Cosme, já eram referidos nas Memórias Paroquiais de 1758: “*está situada em plano e cercada de muitos campos e arvoredos...recolhem em mais quantidade milho grande, menor trigo, e centeio, muita hortaliça de navaes...*” (Pacheco, 1986).

O **linho** manteve-se como uma cultura tradicional de **Fânzeres** até à década de 30 do século XX, mas desde o povoamento no século VII, que se manteve uma cultura com relevância económica e cultural. O último campo de cultivo do linho confrontava a nascente com o **rio Torto** e a poente com rio da Bica (Magalhães *et al.*, 2005). Mas Oliveira (1983), na Monografia de Gondomar, relata que no final do século XIX (em 1881), existiam cerca de 200 teares de linho em Gondomar, principalmente nas freguesias de **São Cosme e Fânzeres**, ou seja no vale do rio Torto.

Por todo o **vale de Campanhã**, graças à abundância de água e à fertilidade do solo, produzia-se essencialmente as culturas básicas da alimentação como milho, batata e feijão, bem como uma grande variedade de fruteiras como laranjeiras, pereiras, pessegueiros e macieiras (FDVC, 1999). A **agricultura de subsistência** ainda é praticada nos quintais distribuídos pelas encostas do rio Tinto em **Campanhã**, bem como ainda se mantêm alguns dos muros de granito que delimitavam e suportavam os taludes das parcelas. E ainda restam no vale de Campanhã, **áreas arborizadas**, com pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), eucalipto (*Eucalyptus globulus*), pinheiro-manso (*Pinus pinea*), castanheiro (*Castanea sativa*), carvalhos (*Quercus robur*) e figueiras (*Ficus carica*) (FDVC, 1999). Existem em **Campanhã** algumas empresas de **horticultura**, nomeadamente o Horto Municipal (Quinta das Areias), o Horto do Freixo (Quinta da Revolta), o Horto de Campanhã (Travessa Ponte do Gato) e o Horto Moderno (Corujeira), as duas primeiras com alguma projecção, e previa-se que houvesse uma aposta nas novas tecnologias aplicadas à agropecuária e agricultura biológica, no sentido de fomentar o sector agrícola da parte oriental de Campanhã (FDVC, 1999).

## Património Cultural

Terá existido na Idade do Ferro, junto à foz do **rio Tinto** em Campanhã, o **castro de Noeda**, que dominaria o esteiro, e mais tarde grande parte de Campanhã, Rio Tinto e Valbom faria parte da “villa campaniana”, uma propriedade rural de tradição romana cujas origens remontam ao século IV, onde estaria o “**Mosteiro de Santa Maria de Campanhã**” (FDVC, 1999).

O **rio Tinto**, ao longo de séculos, além de fornecer água para beber e regar os campos agrícolas, ser viveiro de peixes e força motriz que fazia girar as mós dos moinhos, também serviu para o ganha-pão das **lavadeiras de Rio Tinto** (que lavavam roupa para fora) e para curtir o linho (Marinho, 2003). As

**lavadeiras de Rio Tinto** lavavam no rio Tinto sobre pedras colocadas nas suas margens, existindo o costume de cada uma assinalar com um número o seu posto, não podendo pessoas alheias utilizar o posto sem autorização. A maior concentração de lavadouros no rio Tinto era na Levada e na Lourinha (Magalhães *et al.*, 1999a). A Monografia de Gondomar refere 13 **lavadouros e as fontes públicas**, como o de **Vale de Flores**.(Magalhães *et al.*, 1999b).

A **ourivesaria**, especialmente a **filigrana**, já no século XIX tinha uma grande importância em Gondomar, principalmente em duas freguesias: S. Cosme e Valbom, com respectivamente 40 e 30 oficinas e 150 e 120 operários (Oliveira, 1983). Já a indústria de **tecelagem**, primeiro de linho (mais artesanal) e depois mais tarde de tecidos de algodão e lã, ocupou uma boa parte da população feminina do vale do Tinto (Magalhães *et al.*, 2005).

Os **moinhos e pontes** são uma constante nos rios Tinto e Tinto, quer para a mobilidade entre margens, quer no aproveitamento da energia hidráulica para mover as mós que moíam os cereais. A moagem, em **moinhos** que funcionavam nestes rios, é uma actividade económica já referida nas Memórias Paroquiais de 1758, das freguesias que o rio atravessa ([www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc](http://www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc)). A primeira referência documental à **moagem no vale de Campanhã** remonta ao ano 1200 tendo perdurado até à década de 60 do século XX, e em 1836 existiam 25 moleiros no concelho de Campanha ([www.apagina.pt](http://www.apagina.pt)). Alguns **topónimos de Campanhã**, são a marca mais remota das actividades desenvolvidas nas margens dos **rios Tinto e Tinto**, como **Tiraz**, que significa pano de **linho** com desenhos ou ramos, Pego Negro, pego designa qualquer ribeiro, rio, riacho, ..., poço, tanque e qualquer ajuntamento ou rego de água, tendo sido associado à tarefa de curtir o linho depois de ripado, **Tevilha**, a azenha de Tevilhe no rio Campanhã (rio Tinto) é referida em 1479 e 1530, sendo que já no ano de 1200 foi vendida uma levada de **moinhos** por um vaso de prata ([www.j-f.org/monografia/](http://www.j-f.org/monografia/)).

Em **Rio Tinto**, segundo as Memórias Paroquiais de 1758, havia 45 **moinhos** em funcionamento (Marinho, 2003). Mas em 1935, apenas são referidos oito: no lugar de Campanha existia um com quatro rodas, um na Lourinha, um no Ameal, um no Mosteiro, dois na Ranha e dois na Ponte (Oliveira, 1989; Magalhães *et al.*, 1999b). Em 1987 os **moinhos da Ranha** ainda funcionavam, mas anos depois foram vandalizados tendo desaparecido as suas pedras. Também havia um lagar de azeite e duas noras em 1758, em Rio Tinto e, em 1905, no moinho da Vitória (na Ranha) começou a funcionar um moinho a vapor, existindo outros dois: um em Chão Verde e outro em Baguim (que ainda laborava na década de 50) (Magalhães *et al.*, 1999a). S

Em **Fânzeres**, em 1758, existiam três **pontes** pequenas de pedra no **rio Tinto**, uma no princípio da Carvalha, outra no Paço e outra em Regadas, bem como bastantes **moinhos**, que apenas laboravam durante o Inverno (Magalhães *et al.*, 2005). Já Camilo de Oliveira (1983), relata a existência de sete **moinhos no rio Tinto**, que pertenciam a lavradores de Fânzeres que moíam para consumo próprio, mas

apenas quando o caudal permitia, o que não facilitou a instalação de moinhos. E no lugar de Vale de Ferreiros, Oliveira (1983) refere a existência de nove moinhos no rio Torto. Já na freguesia de São Cosme, eram referidos dois moinhos de cereais no lugar de Taralhão, um em Ponte Real e três na Azenha.

Em 2004, o moinho da casa de Vieira Alvarinha ainda estava operacional (Magalhães *et al.*, 2005). No lugar da Felga (no rio Torto ou no seu afluente conhecido como ribeiro de Fânzeres) foram construídos três moinhos em 1722, como refere um documento da época, sendo um na Casa dos Balios (Magalhães *et al.*, 2005).

Em 2004, foi realizado um levantamento (de Norte para Sul) dos **moinhos em Fânzeres**, quer no rio Torto, quer no seu afluente conhecido por ribeiro de Fânzeres. No ribeiro ainda restavam 13 moinhos, cinco dos quais em ruínas. Já no rio Torto, no lugar de Felga, havia a casa de um moinho em bom estado de conservação, em Cabanas outro, no lugar de Pação ainda restava a casa intacta de um moinho e as ruínas de outro, já em Ponte Barreira encontrava-se outro moinho, no lugar da Várzea mais dois moinhos, em Manariz mais um e na extrema com São Cosme mais outro. Um dos moinhos de Pação apresentava um razoável estado de conservação (Magalhães *et al.*, 2005).

Em Tardinhade, funcionava ainda nas primeiras décadas do século XX, **um moinho de linho**, existia outro em Baguim do Monte e dois em Rio Tinto, e havia outro engenho de linho na Casa dos Vieira de Alvarinha (Magalhães *et al.*, 2005).

O uso da água do rio e dos seus afluentes para o **regadio** dos campos agrícolas era feito através de **presas e levadas**, sendo a transposição da água (giro) de um consorte para outro, regida pelas ancestrais regras do "sol-posto" e do "sol-nado". Em Fânzeres algumas das presas mais importantes eram a de Santiago, Cavada, Carvalha, Vessada, Gestais e Campos Velhos. As **noras** (como em Tardinhade) foram também utilizadas para retirar água dos açudes do rio Torto para a rega dos campos (Magalhães *et al.*, 2005).

**Igreja de Santa Rita (Ermesinde)**, também conhecida como **Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho da Mão Poderosa**, fica na Quinta da Mão Poderosa, no lugar da Formiga. A Quinta que foi doada à Congregação por beneméritos, já possuía uma ermida à Nossa Senhora do Bom Despacho. Esta Congregação celebrou todos os anos, a 22 de Maio, a festa de Santa Rita de Cássia, tendo-se expandido o culto de **Santa Rita** nas redondezas, existindo peregrinos durante todo o ano, com maior concentração na época da **romaria**, que actualmente é no **2.º Domingo de Junho**. Durante o cerco do Porto, na guerra civil, entre 1832 e 1834, o convento da Mão Poderosa foi reduto dos Miguelistas, tendo-se tornado Hospital de Sangue dos Absolutistas. (Dias, 2001b)



**A Quinta da Formiga (Ermesinde)** era uma grande exploração agrícola, em cuja casa principal bem conservada faleceu o Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes (Dias, 2001b). O rio Tinto atravessa a propriedade onde ainda há actividade agrícola.

**Casas agrícolas do lugar de Sá (Ermesinde)** conjunto de casas rurais, com edifícios como celeiros e apoios como eiras e espigueiros que ainda resistem na margem direita do rio Tinto (Dias, 2001b).

**Villa Beatriz (Ermesinde)**, na Rua José Joaquim Ribeiro Teles a cerca de 600 metros do rio Tinto onde funciona o CMIA (Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental), que foi inaugurado em 2005 e possui recepção, sala multiusos, atelier ambiental, laboratório, centro de documentação e uma área exterior arborizada (CMV,-). O edifício possui uma traça arquitectónica interessante, e vistosos painéis de azulejos, em azul e branco da fábrica Aleluia de Aveiro, versando sobre temas rurais, e os espaços verdes envolventes englobam uma variada flora com exemplares arbóreos interessantes (Dias, 2001b).

**Estação Ferroviária de Rio Tinto**, o edifício actual é de 1935. Possui no átrio da plataforma painéis de azulejos de J. Alves de Sá, da Fábrica Viúva Lamego, com representações de motivos naturais e da vida local, bem como da batalha de Rio Tinto ([www.jf-riotinto.pt](http://www.jf-riotinto.pt)).

**Igreja Matriz de Rio Tinto**, sobranceira ao vale do rio Tinto, data de 1768. Em 1947 foi inaugurado um carrilhão com 17 sinos. No exterior, painéis de azulejos evocam a Rainha Santa D. Mafalda que aqui faleceu em 1290 ([www.jf-riotinto.pt](http://www.jf-riotinto.pt); [www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)). Os painéis de azulejos da fachada também representam as imagens de São Bento e São Cristóvão, santos venerados na paróquia.

Aqui perto existiu o antigo mosteiro de São Cristóvão de Rio Tinto, de regra beneditina, extinto em 1535, do qual ainda restam vestígios arqueológicos.

A imagem de **Nossa Senhora de Agosto**, conhecida também como Nossa Senhora da Assunção (Magalhães *et al.*, 1999b), proveniente da capela já desaparecida (mas referida em 1623) faz parte do seu espólio (Marinho, 2003). Aqui realiza-se a **feira de S. Bento das Pêras**, que era até início dos anos 60 do século passado uma romaria muito concorrida, a 11 de Julho, celebrando-se nessa data a transladação dos restos mortais do santo de Monte Cassino para Fleury (enquanto a 21 de Março, noutros locais, no dito S. Bento de Inverno lembra-se a morte do santo) (Marinho, 2003).

**Capela de São Sebastião (Rio Tinto)**, já existia em 1623 (Marinho, 2003), fica perto da Venda Nova no lugar de São Sebastião. Tem a particularidade de se localizar no meio da rua, (já no século XVII dizia-se que ficava "*no meio da estrada que vai para Valongo*", a antiga Estrada Real) celebrando-se aqui a festa religiosa em honra do Santo (advogado da peste e da fome) a 20 de Janeiro (transferido para o domingo seguinte). No início do século XX, foi alvo de ampliação, correspondendo a capela original à actual capela-mor (Magalhães *et al.*, 1999b).

**Capela de Nossa Senhora da Lapa (Rio Tinto)**, na Rua. Dr. Porfírio Andrade a cerca de 330 metros a Oeste do rio Tinto, era pertença da quinta com a mesma designação, onde foi feita uma urbanização. Possui uma frontaria com elementos renascentistas e um campanário com acesso por uma escada de granito, no seu interior a decoração é de estilo rococó ([www.jf-riotinto.pt](http://www.jf-riotinto.pt)). É um templo de meados do século XVII, de arquitectura barroca ([www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)). O interior possui dimensões aproximadas de 5 x 3,5 metros, com o único altar de talha de madeira policromada, com a imagem de Nossa Senhora da Lapa no nicho central, ladeada por Santa Bárbara e Santo António (Magalhães *et al.*, 1999b).

Existem outras capelas em Rio Tinto, como a **do Senhor dos Aflitos** na Triana (Areosa); a **capela de Nossa Senhora do Amparo** pertença de quinta particular no lugar de Venda Nova, com frontão semicircular quebrado característico do barroco, bem como uma cruz trilobada e dois pináculos a rematar a fachada; a **capela de Nossa Senhora da Conceição** da quinta com o mesmo nome no lugar de Campainha, mais propriamente na rua da Campainha, que data de 1765 e possui influências barrocas; a **capela do Senhor do Calvário**, localizada na rua a que dá o nome, e que foi construída em 1882, sendo a mais pequena capela pública existente na freguesia. Tem três cruzeiros alinhados na frente e um de cada lado da capela; a **capela de São Joaquim**, uma capela privada (construída a partir de 1863) pertencente ao conjunto **do Palacete do Alto** mandado construir em 1881, e que possui um torreão de estilo bizantino de onde se avista quase toda a freguesia (Magalhães *et al.*, 1999b; Pacheco, 1986).

**Estação Ferroviária de Campanhã**, a principal estação ferroviária do Norte de Portugal e a de maior movimento da cidade do Porto, foi inaugurada em 1877, juntamente com a Ponte D. Maria Pia. A estação está instalada em terrenos da antiga Quinta do Pinheiro, sendo o edifício de passageiros constituído por três corpos ligados por duas alas e o relógio no cimo do corpo principal é obra da Casa Garnier de Paris. A abertura da estação de Campanhã foi um dos factores que mais impulsionou a industrialização do vale de Campanhã (FDVC, 1999).

**Quinta do Paço (Baguim do Monte)**, onde está a **capela de Santa Ana**, mandada construir em 1723, que possui a frontaria e a pedra baptismal em cantaria de granito, e é parcialmente revestida a azulejos ([www.jf-baguimdomonte.com](http://www.jf-baguimdomonte.com)). A Quinta do Paço terá essa designação muito provavelmente por ter sido residência de notários (tabeliães) (Marinho, 2003).

**Capela de Santo Inácio (Baguim do Monte)**, é uma capela pública particular, mandada erigir em 1754 pelos donos do Casal da Porta (Marinho, 2003).

**Capela de São Brás (Baguim do Monte)**, já existia em 1626, celebrando-se a festa de **São Brás** a 3 de Fevereiro ([www.jf-baguimdomonte.com](http://www.jf-baguimdomonte.com)). No Largo de São Brás, a maior parte dos edifícios são oitocentistas, alguns de granito e na envolvente também há casas em xisto (Pacheco, 1986).

**Capela de Santa Bárbara (Fânzeres)**, localiza-se no alto de outeiro, conhecido como Monte da Costa ou de Santa Bárbara, de onde se avista praticamente toda a freguesia. A construção da capela remonta a

1697, como diz a inscrição na pedra da porta e a festa de Santa Bárbara já se fazia em 1758, e era sempre no mês de Maio, mais tarde juntou-se o S. Vicente e já no século XX, com a colocação da imagem da Senhora Auxiliadora na capela, passou-se a festejar os três santos no mês dia, passando a ser no mês de Julho (dia 7 é dia de Nossa Senhora Auxiliadora), por ser um mês de Verão e na época típica das romarias (Magalhães *et al.*, 2005). Segundo os registos paroquiais de Fânzeres, em 1681, num só dia a trovoada matou de uma vez três pessoas, que estavam junto de um carvalho. Tal tragédia levou a que os habitantes se decidissem a erigir uma ermida em honra da padroeira da trovoada, tendo para tal feito o requerimento em 1697 pedindo a licença, a qual foi autorizada no mesmo ano. É uma capela com 12,5\*7,5 metros, de construção simples e com um campanário de dois sinos e no adro da capela está um cruzeiro em granito (Magalhães *et al.*, 2005).

**Capela de Santa Eulália (Fânzeres)**, é uma capela semi-pública, pois embora propriedade particular, o actual proprietário permite a realização de serviços religiosos. É a capela mais antiga de Fânzeres, existindo um legado já em 1670 a essa ermida, que estava integrada no “Casal de Santa Ovaia”. Existem documentos históricos que referem uma igreja no século IX no lugar de Santa Eulália pertença de um Gundezindo, existindo a dúvida se actual capela será a sucedânea da primitiva igreja. Apesar da padroeira ser a Nossa Senhora da Conceição (talvez devido ao florescimento do culto a seguir à Restauração), manteve-se forte a tradição do culto a Santa Eulália. Nesta capela durante o período conturbado do início do regime republicano (entre 1912-1914), com o fecho da igreja paroquial, foram aqui realizados serviços religiosos como baptizados, casamentos e outras cerimónias, por isso dispõe no seu interior de uma pia baptismal em granito (Magalhães *et al.*, 2005).

**Capela de Santo António (Fânzeres)**, no lugar de Tardinhade, na margem direita do rio Tordo, foi inicialmente construída para que um padre da família dos Cambas, que se encontrava doente (e teve de se afastar do serviço sacerdotal), aí pudesse celebrar a eucaristia. Mais tarde foi vendida a um habitante que pretendia restaurá-la e doá-la à paróquia, o que veio a concretizar-se na década de 50 do século XX (Magalhães *et al.*, 2005).

**Igreja Matriz de Fânzeres**, a actual igreja foi construída em 1701, como refere a reclamação do pároco contemporâneo, de direitos ao local da antiga igreja e seu passal, que era referida como pequena e muito húmida e de onde não se tinha qualquer visibilidade, presume-se que deveria situar-se junto ao rio Tordo. A actual deverá ter sido construída no ponto mais elevado do passal . A torre foi acrescentada em 1875 (Magalhães *et al.*, 2005). O Museu de Arte Sacra da Igreja de Fânzeres funciona mediante marcação prévia ([www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)).

Também são vários os **nichos de Alminhas**, como as Alminhas da Casa Moutinho no Seixo, o Nicho das Regadas, o nicho de Tardinhade, bem como as **cruzes da Via Sacra**, como de Montezelo (já existia em 1870), da Estivada ou Santa Eulália, de Manariz e do Seixo e alguns **cruzeiros** que marcam a religiosidade das gentes de Fânzeres (Magalhães *et al.*, 2005).



No núcleo de Santa Eulália, um lugar de Fânzeres na margem esquerda do rio Torto, existem pelo menos seis casas com inscrições setecentistas. No lugar de Alvarinha também existem duas casas setecentistas. A maior parte das casas agrícolas setecentistas seguem a mesma traça, estendem-se ao longo da rua, com paredes grossas e lisas, possuindo no interior um “quadrado romano”, também chamado de “quinteiro”, como é o caso da **Casa dos Vieira de Alvarinha** (Magalhães *et al.*, 2005).

**Casa dos Vieira de Alvarinha**, no lugar de Alvarinha (em 1852 era considerada uma das três casas mais ricas de Fânzeres), tem a inscrição da data de 1722 e é uma casa típica de lavradores ricos com forma rectangular, com um quinteiro aberto quadrado no centro, e com um arco de volta perfeita na entrada para o pátio. A água proveniente de uma mina punha a funcionar o moinho (em 2004 ainda trabalhava, mas movido a energia eléctrica) antes de desaguar no rio Torto. Também em 2004 ainda se produzia milho e vinho na propriedade (Magalhães *et al.*, 2005).

**Casa dos Jorges de Santa Eulália (Fânzeres)**, cuja construção data do século XVIII (<http://fanzares.home.sapo.pt/vfhistoria.htm>). Existem referências da existência da propriedade desde o século XV, nomeadamente em 1484, então conhecida como “Casal de Santa Ovaia”, que na altura incluía a Casa das Cristinas ou Chotas (a Sul da capela) (Magalhães *et al.*, 2005). A fachada barroca é de 1790 com seis janelas rasgadas a Sul, sendo que a Norte está a varanda setecentista com colunas de pedra e o quinteiro (Magalhães *et al.*, 2005).

**Casa dos Françaçs (Fânzeres)**, casa setecentista (1761) do lugar de Santa Eulália, era considerada em 1852 uma das três casas mais ricas de Fânzeres, tem anexa a **Casa do Nicho** (com a data de 1783 no portão e perto fica a Casa “dos Mouras”, moradia que faz uma curva que possui a data de 1741 no portão. A **Casa dos Françaçs** mantém a traça original do “quadrado”, típico do estilo de casa “romana” (Magalhães *et al.*, 2005).

**Casa de Montezelo (Fânzeres)**, classificada de Património Municipal, é uma Quinta é seiscentista (1636) também conhecida por Quinta de Montezelo. Destaca-se a secular magnólia e o magnifico jardim composto por plantas exóticas: japoneiras, caneleiras e azáleas, todas vindas do oriente. Aqui viveu o poeta e escritor do séc. XIX, Araújo Rangel Pamplona. Possui um portão cinzelado e é a casa mais senhorial da freguesia (Magalhães *et al.*, 2005). Junto à entrada da quinta fica a **capela de N. Sra. da Conceição**, que possui um altar em talha policromada, onde predominam o azul e o branco ([www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)). Tendo a data de 1703 inscrita na frontaria, tem influências barrocas com a fachada rematada por um frontão triangular interrompido ao longo das pilastras, sendo as dimensões exteriores de 6,6\*4,5 metros, possuindo no interior um pia de água benta e o chão são quatro grandes lajes de ardósia negra, que encerram os túmulos de proprietários e familiares (Magalhães *et al.*, 2005).

Actualmente a Casa de Montezelo é utilizada na realização de eventos sociais e empresariais. O conjunto da Casa de Montezelo, a capela e a magnólia centenária está classificado como Imóvel de Interesse

Público desde 1993 ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). Foi o **Solar dos Araújo Rangeis (Fânzeres)**, família de origem espanhola que aqui fixou residência, aproveitando a riqueza do solo fértil, bem como a exploração dos recursos minerais (carvão nas minas de Seixo e Valdeão e de moscovite) (<http://fanzares.home.sapo.pt/vfhistoria.htm>).

**Casa dos Marques de Tardinhade (Fânzeres)**, seiscentista, com a inscrição do ano de 1696, tem como particularidade o arco abatido arredondado com sete metros de vão na entrada para o quinteiro, no qual as grandes pedras de granito não estão ligadas com argamassa mas dispostas de tal modo que mantêm o equilíbrio da estrutura. É uma boa casa de lavoura com grandes moirões a segurar os cobertos, onde ainda perduravam equipamentos e estruturas ligados à actividade agrícola, como a adega, lagar e prensa (Magalhães *et al.*, 2005).

**Casa dos Balios (Fânzeres)**, localizada no lugar da Felga, é um edifício setecentista, sendo considerada em 1852 uma das casas mais ricas de Fânzeres (Magalhães *et al.*, 2005).

**Casa do Moutinho do Seixo (Fânzeres)**, fica junto à estrada que liga Porto a Valongo, sendo um edifício de 1854, como aparece por cima da porta principal, tendo sido construída por um Afonso, um emigrante no Brasil, que regressou rico. Era uma grande casa de lavoura, com a mesma traça de outras casas agrícolas de Fânzeres de séculos anteriores (com pátio interior), possuía dois moinhos e chegou a produzir 150 a 155 pipas de vinho (Magalhães *et al.*, 2005).

**Igreja Matriz de Gondomar (São Cosme)**, é um templo do início do século XVIII, em cuja frontaria, estão os nichos com as imagens em granito dos santos padroeiros, **São Cosme e São Damião**, e no interior o destaque vai para a talha dos altares, os tectos e a imagem da Virgem com o Menino ([www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)). O museu da Igreja Matriz de Gondomar (Arte Sacra) no Largo João Paulo II funciona mediante marcação prévia ([www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt))

**Capela de Santo Isidro e Cruzeiros (São Cosme, Gondomar)**, localizados no **Monte Crasto**. Apesar de o nome derivar de *castrum*, que significa castelo ou praça fortificada, este monte terá esta designação devido à própria configuração do terreno, já que o seu cume de penedias era um verdadeiro forte. Durante a ocupação romana foi habitado, como provam as moedas e cerâmicas aí descobertas. A primeira referência escrita do Monte Crasto data do ano de 1751, mas os "Autos do Património da **Capela de Santo Isidro, Santa Bárbara e Nossa Senhora da Lapa**" é de 1757, em que a confraria assegura a posse dos bens doados, por curiosidade, no cerimonial de transmissão dos bens foram usados ramos de árvores que simbolizaram a tomada de posse do Monte, que já na altura era arborizado, numa tradição que remonta ao direito franco (Oliveira, 1983). Mas já no ano 1068, no contrato de venda de um prédio na vila de Gondomar, nas confrontações surge a referência ao *monte castro*. Com uma altitude máxima de 192 metros, assente em penedias escarpadas, de onde se retirou saibro e granito até que a Câmara Municipal de Gondomar proibiu esta prática em 1877, foi da autoria da confraria de Santo Isidoro todas as

intervenções quer no templo, como da zona envolvente como arruamentos e plantação de árvores. O templo actual já é o terceiro construído no local, mas ainda há um cruzeiro de 1759 e dois de 1757 que serão contemporâneos da capela primitiva (Oliveira, 1983; Pacheco, 1986).

**Quinta dos Capuchinhos ou Convento dos Capuchos (São Cosme)**, residência senhorial de século XVIII, com jardins e capela da Senhora Mãe dos Homens (Pacheco, 1986). Conjunto classificado como IIP desde 1986, possui um portal armoriado ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

**Capela do Calvário (do Senhor dos Aflitos) e cruzeiros setecentistas (São Cosme)** (Pacheco, 1986).

**Paços do Município de Gondomar (São Cosme)**, edifício neoclássico construído entre 1899 e 1901 (Pacheco, 1986).

**Casas setecentistas e oitocentistas do lugar da Quintã (São Cosme)** (Pacheco, 1986).

**Capela de Santo André (São Cosme)** (Pacheco, 1986).

**Casas de São Miguel (São Cosme)**, conjunto classificado de casas setecentistas (Pacheco, 1986).

**Capela da Lagoa (Valbom)**, do século XVIII (Pacheco, 1986).

Em **Campanhã**, freguesia onde desaguam o rio Tinto e o rio Torto são várias as **quintas e palácios**, alguns classificados:

**Casa e Quinta da Revolta (Campanhã, Porto)**, também conhecido como Horto do Freixo localiza-se na Calçada de São Pedro. Foi mandada construir entre os séculos XVII e XVIII numa plataforma elevada e possui uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. O nome '*Revolta*' presume-se que provenha de alguma revolta, durante as invasões francesas, ou na época de D. Maria II, que terá ocorrido nas suas imediações. A casa apalaçada de planta em "L" com dois pisos enquadra um amplo terreiro com jardim de buxo em torno de um tanque circular em granito ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

Actualmente funciona aí um horto e viveiros de jardinagem, da família do conhecido horticultor portuense Alfredo Moreira da Silva, que a adquiriu em 1918. Em Vias de Classificação (com Despacho de Abertura) Decreto Despacho de abertura de 7 de Novembro de 1995.

**Casa e Quinta de Vilar d'Allen (Campanhã, Porto)**, localiza-se na Rua do Freixo, e foi mandada construir em 1839 por João Allen, que na verdade chama-se John Francis Allen, descendente de uma família inglesa que se dedicava ao Vinho do Porto. A casa servia de residência de Verão e a quinta foi ampliada através das aquisições do Monte da Fonte Pedrinha, da Quinta da Arcaria (ambos em 1839) da Quinta de Vila Verde (em 1869) e da Quinta da Vessada (em 1873). A Casa de Villar d'Allen de arquitectura romântica resulta da recuperação e remodelação da casa da Quinta da Arcaria. Possui um jardim de formas geométricas e um pequeno bosque com exemplares de plantas e arbustos exóticos, tais



como as famosas camélias de Villar d'Allen. O tratamento paisagista dos jardins de Villar d'Allen, onde se procurou reproduzir a espontaneidade da natureza foi um dos primeiros casos no nosso país ([www.ippa.pt](http://www.ippa.pt)). Em Vias de Classificação (Homologado - IIP Imóvel de Interesse Público) Decreto Despacho de homologação da Ministra da Cultura, de 3.10.2005

**Palácio do Freixo (Campanhã, Porto)**, classificado como MN desde 1910 e com ZEP desde 1949. O Palácio do Freixo, da autoria de Nicolau Nasoni (1691-1773), ocupa um lugar de eleição na arquitectura barroca do Norte de Portugal, em que o autor envidou esforços de modo a conceder, a um dos seus principais mecenas (o cónego D. Jerónimo de Távora e Noronha), uma verdadeira simbiose das suas capacidades arquitectónicas e decorativas. Como o terreno para implantação era muito limitado, Nasoni optou por construir o palácio no centro do jardim e do terreiro que o rodeiam. *"Transpondo o portão, entra-se no belvedere do jardim, elemento essencial na arquitectura dos jardins barrocos italianos, aqui disposto em hemicírculo ladeado por dois pequenos pavilhões, também eles realçados pela exuberância decorativa emblemática do Rocaille. De planta quadrangular com torreões ligeiramente salientes nas extremidades e telhados piramidais circundados por coruchéus de menores dimensões, o palácio é largamente decorado no exterior por escadarias de lanços opostos e terraços dispostos em cotas diferenciadas, num exercício de permanente dinamismo, reforçado pela unicidade do traçado de cada alçado, tal como os próprios patamares da varanda da fachada Sul, voltada para o rio, e de igual modo profusamente ornamentada."* [www.ippa.pt](http://www.ippa.pt)

Já no século XIX, o palácio e quinta foram adquiridos por um negociante que fez fortuna no Brasil, o futuro Barão e Visconde do Freixo. O novo proprietário estabeleceu uma fábrica de sabão junto do palácio, mandou substituir as pedras de armas (dos Távoras para o escudo partido de Afonso e Cunha), e mandou restaurar o interior do edifício, desvirtuando o traço primitivo. No século XX, um industrial adquiriu o palácio e mandou construir uma fábrica de moagem nos jardins, tendo sido acrescentado na década de 50 um silo com cerca de 45 metros de altura. A parte administrativa da "Companhia de Moagem Harmonia" funcionava no palácio ([www.ippa.pt](http://www.ippa.pt)). O palácio foi alvo de um projecto de recuperação da autoria do Arq. Fernando Távora. Futuramente nele irá funcionar uma Pousada de Portugal.

**Casa e Quinta de Bonjóia (Campanhã, Porto)**, fica na rua com o mesmo nome, o conjunto está em vias de classificação. Já em finais do século XIV, existia uma quinta neste local pertença do Chantre Martim Viegas, tendo sido posteriormente doada ao Cabido da Sé do Porto. O actual edifício, mandado construir por Lourenço da Gama Lobo, foi atribuído ao arquitecto italiano Nicolau Nasoni. Da fachada Sul do edifício de traço barroco, desfruta-se a vista panorâmica que abrange o vale de Campanhã e o rio Douro ([www.ippa.pt](http://www.ippa.pt)). Actualmente pertence à Câmara Municipal do Porto que a adquiriu em 1995.

**Quinta de Vila Meã (Campanhã)**, localizada próximo da Quinta de Bonjóia, esteve ligada a um ramo da família Vieira desde o século XIV até ao século XIX. No século XIX, a quinta dividia-se em Casal de Baixo

e Casal de Cima, englobando a casa nobre, a capela dedicada a Nossa Senhora dos Anjos, o jardim, pomar, lago, dependências para caseiros e mais de 25 propriedades. Também é conhecida como Quinta da Mitra, já que foi adquirida por esta família em 1920, actualmente numa grande parte dos terrenos da quinta está ocupada pela VCI (Via Cintura Interna) (FDVC, 1999).

**Igreja Paroquial de Campanhã**, localizada na margem direita do rio Tinto. O edifício terá sido erigido por volta de 1714, mas anteriormente já existiu uma " igreja Sanctae Mariae de Campanham" remontando ao século XIII. O templo foi saqueado na segunda invasão francesa (1809) e durante o cerco do Porto (1832-33) sofreu estragos assinaláveis. No interior da igreja está a **imagem de Nossa Senhora de Campanhã**, padroeira da freguesia, em pedra de ançã, considerada do século XIV, mas cuja fama das lendas e milagres remonta aos séculos IX e X, sendo considerada uma das mais belas imagens da Virgem da diocese do Porto (FDVC, 1999).

**Capela do Senhor do Calvário ou do Forte (Azevedo, Campanhã)**, que se localiza no mesmo local onde as tropas de D. Miguel estiverem aquarteladas durante o Cerco do Porto nas guerras liberais de 1832-1836. Fica no alto de um morro sobranceiro ao **vale do rio Torto**, num amplo terreiro com plátanos. Terá sido construída entre os finais do século XVIII e o início do século XIX, desde 1922 que é a Confraria do Senhor do Calvário a gerir os bens e a organizar os serviços religiosos e as festividades, sendo a principal a festa do Senhor da Pedra no 3.º domingo de Junho, a imagem do Senhor do Calvário é talhada num único bloco de pedra (FDVC, 1999)

**Capela de São Pedro (Azevedo, Campanhã)**, cujas origens podem remontar ao século XII, pois na carta de doação do couto do Porto ao bispo D. Hugo, é referida na parte oriental uma "*Eclesia Sancti Petri*". O templo actual é uma reconstrução do século XIX, mas na capela de São Pedro existiu sempre a devoção a Nossa Senhora da Hora, São Pedro e Bom Jesus Salvador e é o templo religioso mais procurado na área de Azevedo. No interior destaca-se o altar-mor em talha e as valiosas imagens dos santos, a festa de São Pedro é a 29 de Junho e no mês de Maio festeja-se em honra da Senhora da Hora (FDVC, 1999).

## Lendas

### Lenda do rio Tinto

*"No início do séc. X, os Cristãos estavam a ganhar terreno aos Mouros. Governava o território da Galiza até Coimbra, tendo como centro o Porto, o Conde Hermenegildo Gutierres. O califa Abdelramam III com um poderoso exército fez uma violenta investida, cercando a cidade do Porto. O rei Ordonho II desceu em socorro do seu sogro, o Conde do Porto, Hermenegildo Gutierres, conseguindo afastar os mouros e perseguindo-os para longe da cidade. Junto a um límpido ribeiro, travou-se sangrenta batalha. Na memória do povo, ficou o sangue derramado que, de tão abundante, tingiu as cristalinas águas do rio que, desde então se passou a chamar Rio Tinto"* in Magalhães *et al.* (1999a)

## Lendas, Poemas associadas ao Rio Torto

"Solar de Montezelo" de Manuel Rangel Pamplona in *Em Pleno Outono* (1938)

*Meus olhos perscrutam, percorrem ansiosos  
As salas desertas do velho solar  
Os rostos amigos d'amor tão radiosos  
Nas sombras difusas esp'rando encontrar...*

*São elos gigantes da mesma cadeia  
Que prendem minh'alma, cativam meu ser,  
Na terra de Fânzeres, na pálida aldeia  
Aonde quisera viver e morrer.*

*No entanto tu ficas, em ruínas embora!  
Contando um passado d'amor e altivez.  
Relíquia sagrada dos tempos d'outrora!  
És sangue e és corpo, és vida outra vez...*

## Lenda de Montezelo

*"A palavra Montezelo perde-se no tempo. Segundo a lenda, deriva de um amor proibido entre a cristã D. Dulce e o muçulmano Almansor, no tempo da Reconquista. Nesse local, Almansor teria tirado a vida a D. Dulce, por ciúmes (zelos), tendo-se suicidado em seguida, ao saber que D. Dulce estava a falar com um irmão. O sítio onde ocorreu tal tragédia ficou a ser conhecido como «Monte dos Zelos»." in Magalhães et al. (2005).*

## Património Natural

No **Futuro Parque da Cidade de Rio Tinto**, abrangendo uma área total de aproximadamente 12,4 ha, englobando a Quinta das Freiras e a envolvente do leito actual e antigo do rio Tinto e do leito da Ribeira da Castanheira, predominam na **fauna** os passeriformes ubiquistas, gaios e herpetofauna vulgar e na **flora** além dos salgueiros (*Salix atrocinerea*) presentes na Ribeira da Castanheira, há ainda a destacar algumas exóticas ornamentais ([www.campoaberto.pt](http://www.campoaberto.pt)).



A Câmara Municipal de Gondomar gastou 180 mil contos a entubar um troço do rio Tinto (uma obra iniciada em 1997), na cidade de RioTinto. A Fapas alertou para a perda ambiental que tal obra importou, tal como a destruição da vegetação arbustiva e arbórea ribeirinha, bem como a perda de habitat de espécies animais que frequentam as margens do rio, tais como: os melros (*Turdus merula*), as rolas, os piscos, pardais, verdilhões, musaranhos, lagartos e cobras-de-água entre outros ([www.fapas.pt/riotinto.html](http://www.fapas.pt/riotinto.html)).

O vale do rio Torto também foi um dos espaços propostos para a **campanha dos 50 Espaços Verdes da Campo, Aberto**, neste caso a entidade que propôs este espaço verde foi a Junta de Freguesia de Baguim do Monte, que referiu o interesse na conservação e valorização das manchas de **carvalho** (*Quercus robur*) e de **sobreiros** (*Quercus suber*) que ainda resistem no vale do rio. Na mesma proposta é referido o Plano Director Municipal do Porto que prevê a criação de um **Agroparque** no troço final do rio Torto, e que por isso teria interesse em fazer a ligação para o concelho vizinho de Gondomar, onde o rio Torto percorre quatro freguesias, e seria um **corredor verde** desde Baguim do Monte até Campanhã (<http://campoaberto.pt/>).

O rio Torto, apesar de na maior parte da sua extensão não possuir qualquer galeria ripícola, possui nas faixas que ainda resistem **amieiros** (*Alnus glutinosa*), **salgueiros** (*Salix atrocinerea*) e **choupos** (*Populus sp.*) (Barbosa, 2006), e nas suas encostas, em alguns locais, como perto da Ponte do Gato (Campanhã), o **azevinho** (*Ilex aquifolium*), o **medronheiro** (*Arbutus unedo*) e o **sobreiro** (*Quercus suber*) marcam presença. Mas em alguns locais as espécies exóticas como as acácias (*Acacia sp.*) e eucalipto invadiram as margens do rio, e devido ao abandono a que foram votadas algumas parcelas de terreno, os matos (*Ulex sp.*) e os silvados (*Rubus sp.*) invadiram o vale do rio Torto. Merece também referência a presença de galinhas-de-água, avistadas no rio pelos habitantes (Barbosa, 2006).

Ainda é possível admirar em **Fânzeres** várias áreas naturais, sobretudo junto do rio Torto, onde os **choupos, castanheiros, carvalhos e sobreiros**, alguns de grande porte remontam ao tempo em que o Marquês de Abrantes era o donatário de vastos terrenos nesta "*Villa*". ([www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio5-6.doc](http://www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio5-6.doc))

Quanto à **vegetação natural**, de que restam pequenos bosquetes e manchas, dominavam no estrato arbóreo os carvalhos (*Quercus robur*), os castanheiros (*Castanea sativa*) e sobreiros (*Quercus suber*) como referem as Memórias Paroquiais de Fânzeres em 1758. Nos montes abundavam os matos de tojo (*Ulex sp.*), urze (*Erica sp.*), carqueja (*Pterospartium tridentatum*), fetos (*Pteridium aquilinum*) e as giestas (*Cytisus sp.*), que eram recolhidos para servirem de cama para os animais estabulados e fazer estrume que depois era aplicado nos terrenos agrícolas.

O **Monte do Forte** em Campanhã, foi um dos locais apresentados na Campanha dos 50 Espaços Verdes da Campo Aberto. É um espaço de propriedade privada, com uma área de cerca de 4,1 ha. Este espaço

tem a classificação de “protecção de espaços naturais” e “áreas verdes de utilização pública”. O coberto arbóreo é constituído por eucaliptos (*Eucalyptus globulus*), carvalhos (*Quercus robur*), plátanos (*Platanus hispanica*), falsa-acácia (*Robinia pseudoacacia*) e sobreiros (*Quercus suber*). É um local frequentado pela avifauna comum, como pardais, pombos e alvéolas-brancas ([www.campoaberto.pt](http://www.campoaberto.pt)).

O Plano Director Municipal do Porto (Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2006 publicada no Diário da República - I Série B, n.º 25 de 3 de Fevereiro de 2006) prevê, a longo prazo, a criação de um parque para esta zona denominado Parque do Outeiro do Tine.

## Acessibilidades

A Via de Cintura Interna (VCI), a Estrada da Circunvalção e o IC29 são as **vias rodoviárias** que servem o vale do rio Tinto e do rio Torto. Junto à nascente do rio Tinto fica a A4, com a saída de Ermesinde.

**Estação ferroviária** de Campanhã e estação de Rio Tinto.

**Marina do Freixo**, junto da foz dos rios Tinto e Torto.

**Ermesinde (Valongo)**, a sua referência mais antiga (Ermezenda) data das inquirições afonsinas de 1258 (Reis J., 2002). Segundo alguns autores, estas terras teriam sido pertença dos Mosteiros de Águas Santas e de Santo Tirso, e de D. Ermezenda, abadessa do Mosteiro de Rio Tinto, donde provavelmente deriva o nome de Ermesinde, que até ao século XX foi apenas um dos lugares da freguesia. No entanto, há quem afirme que a D. Ermezenda que dá o nome a Ermesinde seria a D. Ermesenda Guterres de finais do século IX. Em 1911 S. Lourenço de Asmes passou a designar-se Ermesinde (Dias, 2001a). Ermesinde pertencia às Terras da Maia, quando em 1836 foi incorporada no recém-criado concelho de Valongo. A área da freguesia é de apenas 7,4 km<sup>2</sup> (Reis J., 2002). Ermesinde teve um crescimento populacional exponencial durante o século XX, na entrada do século eram 2698 habitantes, duas décadas depois já eram 4440 habitantes, em 1960 a população já quase tinha triplicado, em 1981 a população residente era 30000 e em 1988 o aumento foi de 50% em relação a 1981, enquanto a sua população actual ronda os 50 mil habitantes (Dias, 2001a). Apenas em 1998 foi inaugurada a ETAR (Estação de Tratamento de Águas Residuais) de Ermesinde e Alfena para tratar os efluentes destas freguesias do concelho de Valongo (Dias, 2001a).

A boa aptidão agrícola dos solos da freguesia de S. Lourenço de Asmes, e a abundância de água para rega, tornou esta paróquia habitada maioritariamente por agricultores, praticamente desde as suas origens até ao início do século XX. Os rios e ribeiros de caudal permanente, entre os quais o **rio Tinto**, irrigavam abundantemente os férteis campos da antiga S. Lourenço de Asmes (Dias, 2001a). Eram produzidos milho, cevada, linho, feijão, abóboras, cebolas, melões, batatas, vinho, azeite, frutas diversas

(peras, laranjas, ameixas, maçãs, castanhas) e bolota entre outros produtos agrícolas (Dias, 2001a). Também a pecuária teve aqui um grande desenvolvimento. Em associação com a agricultura, criava-se uma grande variedade de animais domésticos como pombos, galinhas, coelhos, porcos, ovelhas, vacas e outros (Dias, 2001a). O santo padroeiro é S. Lourenço, realizando-se uma festa em sua honra no primeiro domingo de Agosto. A romaria a Santa Rita de Cássia celebra-se na Igreja do Convento da Formiga.

**Rio Tinto (Gondomar)**, o nome da freguesia está ligado ao rio que a atravessa. Aqui foi fundado em 1058 ou 1062, junto ao rio Tinto, um mosteiro para albergar as monjas agostinhas, que seguiam a regra beneditina, provenientes do mosteiro de Moreira da Maia. (Magalhães *et al.*, 1999a), o **Mosteiro de S. Cristovão de Rio Tinto** (Marinho, 2003). Os mosteiros de Rio Tinto e Vairão foram os primeiros mosteiros femininos do Norte de Portugal (Magalhães *et al.*, 1999a). Em 1535, com a extinção do Mosteiro de S. Cristovão de Rio Tinto, as monjas deste convento (cuja extinção foi pedida pelo rei D. Manuel I ao Papa de então) foram transferidas para o Convento de São Bento de Avé Maria na Cidade do Porto. (Magalhães *et al.*, 1999a)

Do Mosteiro de Rio Tinto restou a toponímia (Largo do Mosteiro, Quinta das Freiras) e alguns vestígios soterrados (Marinho, 2003). A rainha **D. Mafalda**, filha do rei D. Sancho I, (representada nos azulejos exteriores da igreja matriz de Rio Tinto), apesar de ser monja da regra de Cister, esteve várias vezes no mosteiro de Rio Tinto, tendo vindo a falecer aqui em 1290, como relata a Crónica de Cister, e foi depois sepultada no Mosteiro de Arouca conforme a sua vontade expressa no seu testamento (Marinho, 2003).

O desaparecimento das pedras do mosteiro de Rio Tinto, cujas ruínas ainda tinham alguma grandeza segundo os relatos das Memórias Paroquiais de 1758, terá a ver com a sua retirada e utilização na construção de outros edifícios, talvez mesmo a igreja e casas ou cabanas da localidade (Magalhães *et al.*, 1999a).

Em 1758, segundo as Memórias Paroquiais, Rio Tinto ainda confronta com Paranhos, tendo sido mais tarde anexa ao concelho do Porto parte significativa da actual freguesia de Campanhã, em 1895 parte da Ranha e Vila Cova e em 1898 os lugares de Casal, Ribeirinho, Tiraes e Pego Negro. De 10 de Dezembro de 1867 a 14 de Janeiro de 1868 constituiu um concelho. Já em 1985 com a criação de Baguim do Monte, a freguesia perdeu parte do território (Magalhães *et al.*, 1999a).

Em **Rio Tinto** está localizada a mais antiga (1889) das duas **fábricas de sinos** existentes no nosso país ([www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc](http://www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc)).

Na **igreja matriz** de Rio Tinto realiza-se a festa de **São Bento das Pêras** a 11 de Julho e a de **São Cristovão** (padroeiro da paróquia) uma semana depois ([www.jf-riotinto.pt](http://www.jf-riotinto.pt)). A **romaria de São Bento das Peras**, que já foi um grande acontecimento, era assim descrita num artigo de 1887: *“Uma romaria é um pandemonium; um amálgama de gente, animaes, vehículos, pó, calor, vinho, comida, barulho, notas*



*alegres e lúgubres, risadas, gritos, pregões e lamurias; um mixto de fanatismo e orgia. – A taverna e a igreja fraternizam, num asqueroso amplexo, e de tudo isto tira proveito o pequeno commercio e o roubo industrioso...Na romaria de S. Bento das Peras, ressaltam bem todos estes contrastes, todos estes tons característicos...pelos soutos inferiores à estrada, em ranchos e ranchos agrupando-se aqui e além...*" (Magalhães *et al.*, 1999b). Os devotos, mesmo já no século XX, consideravam S. Bento das Peras, o "advogado contra as coisas ruins e as mordeduras de peçonhentos bichanos" (Magalhães *et al.*, 1999b). A festa do padroeiro (**São Cristovão**) tem o seu ponto alto com a saída da procissão no domingo à tarde, e com a bênção dos motoristas e carros, ao mesmo tempo que soam as buzinas dos automóveis em louvor do santo (Magalhães *et al.*, 1999b).

**Baguim do Monte (Gondomar)**, o **rio Torto** nasce nesta freguesia, perto da linha divisória com o concelho de Valongo, a cerca de 240 metros de altitude, nas faldas do pico de Sete Casais (282 metros de altitude), junto à A4 que liga Amarante a Matosinhos. O nome "*Baguim*" derivará de "*baquinos*" que significa bago de uva. De facto, a produção de vinho e aguardentes nesta área era importante e apesar da forte densificação urbana, ainda resistem alguns núcleos rurais, como o lugar de Aldeia, onde o sector primário continua a ter alguma importância ([www.jf-baguimdomonte.com](http://www.jf-baguimdomonte.com); [www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc](http://www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc)). O topónimo "Monte" advém provavelmente da encosta da serra de Valongo. Na pequena colina onde se localiza a igreja de São Brás, terá existido um castro ([www.jf-baguimdomonte.com](http://www.jf-baguimdomonte.com)). Baguim do Monte é freguesia desde 1985 e faz parte da cidade de Rio Tinto.

A primeira referência histórica às terras de Baguim, no ano de 994, consta da "*Carta de doação que Froila faz a Leodorigo e esposa*", em que é mencionada "*uma herdade na vila de Sevilhães e Baguim, abaixo do monte de Gondomar, por onde passa o rio de Campanhã, perto do rio Douro*" ([www.jf-baguimdomonte.com](http://www.jf-baguimdomonte.com)). Em 1626 existiam apenas duas capelas na área da freguesia, a **capela de Nossa Senhora de Agosto**, já desaparecida (a imagem da Senhora foi transferida para a Igreja Paroquial) e a **capela de São Brás** ([www.jf-baguimdomonte.com](http://www.jf-baguimdomonte.com)). O padroeiro (Sagrado Coração de Maria) festeja-se no último domingo de Maio, e a festa de **Nossa Senhora de Agosto** comemora-se a 19 de Agosto na Igreja paroquial ([www.jf-baguimdomonte.com](http://www.jf-baguimdomonte.com)).

**Fânzeres (Gondomar)** tem uma população de cerca de 30 000 habitantes e localiza-se na bacia do **rio Torto**. O nome da freguesia tem origem germânica, segundo Joseph Piel (<http://fanzeres.j-f.org>), derivando de Fanzarares e vem de Manarius ou "Vila" Manarici. Em 1226 pertencia às Terras da Maia e nas inquirições afonsinas de 1258, Fânzeres era constituída pela aldeia de Figueira e o paço de Martins Soares de Baguim.

No passado, as condições naturais fomentaram o cultivo e a tecelagem do **linho**. Data do ano de 1032, a primeira referência documental que refere o mosteiro (de que não restam vestígios) onde existia um grande número de teares que produziam peças de linho. Ao longo do **rio Torto**, na freguesia de Fânzeres, ainda resistem áreas verdes com choupos, castanheiros, carvalhos e sobreiros, bem como manchas de cultivo agrícola. (<http://fanzares.home.sapo.pt>).

Por curiosidade, o escritor portuense Júlio Dinis viveu em Fânzeres durante uma temporada, tendo convivido com o reitor de Fânzeres, em quem se inspirou para criar a personagem do reitor do seu livro "As pupilas do senhor reitor" (<http://fanzares.home.sapo.pt>).

O **primeiro templo** religioso da freguesia, localizado no **Monte da Costa** na margem esquerda do **rio Torto**, foi dedicado a São Tiago (inicialmente era o padroeiro de Fânzeres). No entanto, como este foi parcialmente destruído por um raio, começou-se a invocar a **Santa Bárbara**, protectora das inclemências atmosféricas, culto que ainda hoje se mantém no mesmo local no mês de Maio. (<http://fanzares.home.sapo.pt>).

A **Igreja Matriz de Fânzeres**, cujo edifício actual data do ano de 1701, tendo sido acrescentada a torre sineira já no ano de 1876, é dedicada ao Divino Salvador (orago da paróquia). Possui no seu interior talha dourada, onde está instalado um Museu de Arte Sacra (<http://fanzares.home.sapo.pt>). A igreja de Fânzeres é referida já em 1586 aquando da visita do bispo da diocese (<http://fanzeres.j-f.org>). O orago já é referido nas inquirições afonsinas de 1258 como "Santo Salvador", mas em 1942 foi requerida a confirmação da designação de "Divino Salvador", para não haver a confusão com qualquer santo de nome próprio Salvador. Também em 1942 foi inaugurada a nova imagem do padroeiro da paróquia, uma estátua de Jesus Cristo com 1,70 metros de altura. A festa em honra do Divino Salvador era celebrada antigamente no dia 6 de Agosto (Magalhães *et al.*, 2005). A festa em honra de São Tiago e Santa Luzia também era realizada na igreja paroquial, no mês de Julho, no domingo mais próximo do dia 25. O **Pelourinho (Fânzeres)** é símbolo de jurisdição e autonomia concelhia. (<http://fanzeres.j-f.org>)

Em Tardinhade, é festejado a 13 de Junho na sua **capelinha, o Santo António** e, no Seixo, no lugar de Regadas, é festejada a senhora da Saúde a 15 de Agosto, na respectiva capela (Magalhães *et al.*, 2005).

As festas e romarias em Fânzeres são as seguintes: as festas do Divino Salvador na época quaresmal, a Santa Bárbara no mês de Maio, S. Tiago e Nossa Senhora Auxiliadora, em Julho. (<http://fanzares.home.sapo.pt>)

**São Cosme (Gondomar)**, a origem do topónimo Gondomar tem várias hipóteses: algumas dizem que é devido ao rei visigodo Gundemarus (período entre os anos 610 e 612), outras, ao excelente enquadramento do Castro, em suevo adjectivado de, *ynd* (agradável, enfeitado, perfeito) e *meer* (o mais). Também o termo *Guldmán*, que significa mina de ouro, pode ser uma das origens do topónimo uma vez

que existem registos de exploração deste metal que remontam ao final do século I, princípios do século II da era cristã. A abundância de ouro nesta zona, deu origem ao trabalho da filigrana, arte que remonta ao século VIII, e que ainda perdura, sendo um elemento da identidade de Gondomar. O rei D. Sancho I atribuiu a Carta de Couto a Gondomar no ano de 1193. A freguesia de S. Cosme, anteriormente designada por Santos Cosme e Damião, recebeu do rei D. Manuel I, em 1515, a Carta de Foral. Os patronos foram gêmeos de origem árabe que se dedicaram à medicina, existindo a crença da sua capacidade de cura de doenças do corpo e da alma (<http://www.jf-gondomar.pt>; [www.gondomar.pt](http://www.gondomar.pt)).

Realizam-se as seguintes festas e romarias: do Menino Jesus no 1.º Domingo de Janeiro no Largo da Igreja Matriz; de São Vicente no último Domingo de Janeiro no Monte Crasto; de Santo Isidoro no 1.º Domingo de Páscoa no Monte Crasto; de N.ª S.ª Mãe dos Homens no último Domingo de Maio na Capela dos Capuchinhos; de Santo António no Largo do Souto; de N.ª S.ª da Atalaia na Capela de Aguiar em Julho; do Senhor dos Aflitos no último Domingo de Agosto no Calvário; de São Cosme e Damião em Setembro e de N.ª Senhora do Rosário o 1.º Domingo de Outubro (CMGb, -).

**Valbom (Gondomar)**, já existe referências às ‘villas’ de Valbom nas inquirições afonsinas de 1258. Contudo, Valbom está ligada a um marco importante do século XIX, a Convenção de Gramido, que pôs fim a uma guerra civil instigada pela rebelião contra o governo de Costa Cabral, no reinado de D. Maria II. Em 1847 foi assinado, na Casa Branca de Gramido, o acordo que pacificou as partes desavindas ([www.gondomar.pt](http://www.gondomar.pt)). Quanto ao património, destaca-se a **Casa de Gramido**, a **igreja matriz**, dedicada a S. Veríssimo (setecentista), a **Quinta das Sete Capelas**, as **capelas de São Roque** e a **capela de São Pedro**, perto do rio Douro ([www.gondomar.pt](http://www.gondomar.pt)). A Quinta das Sete Capelas foi a tradicional moradia dos Montenegros, família que já no século XVI possuía o direito à pesca exclusiva na metade do rio Douro em frente da propriedade (FCG, 1985). O topónimo Valbom vem de *vallis + bonus* (Figueiras, 1998). O nome deriva de *vale bom*. Na marginal do rio Douro vai do esteiro de Campanha até Gramido (Pacheco, 1986).

A **feira de São Pedro** realiza-se a 29 de Junho na **Ribeira do Abade** na capela junto ao rio Douro (CMGa, -), onde é apreciado o sável frito. A **feira da senhora das Neves** celebra-se em Agosto, e segundo a tradição oral, o culto deriva do aparecimento no local, em tempos remotos, de um lençol de neve em pleno estio. Nesta feira há a tradição gastronómica do consumo de melões e melancias ([www.gondomar.pt](http://www.gondomar.pt)).

Nas Memórias Paroquiais de 1758 são referidas a **Capela de São Roque**, a **Capela de São Paulo** (em Valbom de Baixo), a **Capela de N.ª Sr.ª da Apresentação** (em Vinha), e a **capela de N.ª S.ª da Conceição** (na Ribeira do Abade). A **Capela de São Pedro** é posterior (Figueiras, 1998). Quanto a **Quintas**, em Valbom destacam-se: a **Quinta do Desembargador**, também designada dos Allen, cujo solar é anterior a 1776 (nesta casa habitou a filha de Camilo Castelo Branco, Bernardina Amélia, no



século XIX); a **Quinta das Sete Capelas**, o nome mais antigo é Quebrada de Valbom, que constituiu um vínculo de morgadio em 1554 e inclui a capela de São Paulo; a **Quinta da Vinha** no lugar de Além, que já existia no século XV sendo designada então por Casal da Vinha; a **Quinta da Junqueira** (de 1626), a **Quinta da Fonte Pedrinha** (com a data de 1706 inscrita no portal) e a **Quinta do Sol** (Figueiras, 1998). A **igreja matriz** dedicada a São Veríssimo é setecentista e, na Ribeira do Abade subindo até ao Monte de São Pedro, fica a **capela de São Pedro**, erguida pelos pescadores que a edificaram em honra do seu padroeiro. Em 1888 existiam em Valbom 150 barcos de pesca costeira e fluvial e oito lanchas de pesca no mar alto. A **Quinta das Sete Capelas**, cujo morgado foi instituído em 1554, e a **Casa Branca de Gramido** são as principais referências do património civil construído (Pacheco, 1986).

**Campanhã (Porto)**, já na carta de couto de 1120 que a condessa D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, deu ao Bispo do Porto (D. Hugo), era referido os outeiros de Campanhã, sendo que a igreja de Sancta Maria de Campanham é referida em documentos do século XI. Era um local pedregoso e pobre onde corria uma linha de água (que vinha do alto do Monte Aventino) conhecida como o regato de Mijavelhas (rio Tinto), onde durante o Inverno funcionavam algumas azenhas como as de Tiraz, de Tavihe, etc. (FCG, 1985). Na Idade de Ferro, junto da confluência dos rios Tinto e Torto, terá existido um Castro, o Castro da Noeda. Foi durante a ocupação romana, que surgiu o topónimo “Campanha. A referência mais antiga é de um documento do ano de 994, que refere o “ribulum campaniana” ou rio de Campanhã (actual rio Torto), mas com a doação de parte de freguesia (a mais ocidental, incluída no couto) ao bispo do Porto em 1120, a parte oriental fica pertença do rei (reguengo) ([www.campanha.net](http://www.campanha.net)). Alguns lugares referidos na toponímia antiga de Campanhã ligados ao vale do rio Tinto são: Esteiro, Pinheiro, Bonjóia, São Pedro, Azevedo, Tirares, São Roque, Outeiro da Bela, Vila Meã e Fatum (FDVC, 1999).

O lugar de **Azevedo**, que já aparece em documentos dos anos 1058 e 1072, relacionados com o Mosteiro de Santa Maria de Campanhã, localiza-se entre o rio Tinto e o rio Torto, na zona com maior abundância de água e de solos mais férteis do vale de Campanhã. Desde a Idade Média até finais do século XIX, as principais actividades a que se dedicavam os habitantes era a agricultura e a moagem, como prova a lista de cidadãos com direito de voto nas eleições de 1836, em que os lavradores e moleiros eram a parte mais representativa, devido ao dinamismo económico que conseguiram. Ainda é possível avistar campos de cultivo, velhos caminhos rurais estreitos e algumas das antigas casas dos lavradores (Pacheco, 1999).

Também o lugar de **Bonjóia**, que aparece na documentação medieval com o nome “Bonjoi”, era uma pequena aldeia, onde devido aos abundantes recursos hídricos, funcionava um importante centro moageiro. Aí está a **Quinta de Bonjóia**, propriedade referenciada desde o século XIV e a **Fonte da Senhora** (na rua de Bonjóia) local de culto religioso à Nossa Senhora de Campanhã, onde é atribuído um

milagre no ano de 1742, quando durante uma seca a água brotou nesse local. Perto desta zona fica a capela erigida em 1961 em memória do milagre (Pacheco, 1999).

A **Corujeira** é outro lugar do vale de Campanhã, cujo topónimo quer dizer "*povoação mesquinha, em lugar fragoso, própria para a criação de corujas*". A primeira referência é medieval, sendo referida em 1675 como um simples lugar. A Praça da Corujeira foi local de duas das mais importantes feiras da cidade do Porto: a Feira do Gado e a Feira dos Moços. A **Feira do Gado**, cuja mais antiga data de 1676, era denominada por "Feira dos Bois", onde eram transaccionados os animais, e a **Feira dos Moços ou dos Criados** que se realizava duas vezes por ano em Abril e Novembro, onde acorriam moços e moças do campo para serem contratados para trabalhar para lavradores das redondezas, funcionava aqui. (Pacheco, 1999).

O lugar do **Esteiro**, cujo topónimo deriva do latim "*aestuarius*" que significa "*braço de rio que se prolonga pela terra dentro*", fica no Sul do vale de Campanhã, perto do rio Douro, onde desaguam o rio Tinto e o rio Torto. No Esteiro de Campanhã, durante séculos, uma pequena comunidade dedicou-se principalmente à pesca e ao comércio fluvial no rio Douro. Como comunidade ribeirinha que gozava de privilégios fiscais desde 1593, possuía laços com os pescadores de Valbom e de Avintes, utilizando os valboeiros (pequenos barcos de inspiração nórdica) na pesca da lampreia, do sável, da enguia e ainda do barbo, boga, escaló, tainha e ruivaca, bem como no transporte de pessoas e mercadorias. Apesar de haver vestígios de ocupação paleolítica, foi durante a Idade do Ferro, com o castro de Noeda, que a ocupação humana do Esteiro teve um novo impulso (Pacheco, 1999).

O lugar de **Furamontes**, que o rio Torto separa de Fânzeres (Gondomar), esteve durante séculos ligado ao concelho de Gondomar, e até ao século XIX era referido como "casal" e "bouça", o que indicava a escassa população do local, bem como o domínio da actividade agrícola. Também existia um conjunto importante de moinhos, como prova o peso eleitoral dos moleiros no colégio eleitoral de 1836. O topónimo Furamontes poderá derivar de "*Ferramontes*", uma palavra anterior ao domínio romano e que está relacionada com a existência ou exploração de minas de ferro. Esta hipótese é suportada pela riqueza da zona em terras férreas, as quais estarão na origem do topónimo "Rio Tinto" (Pacheco, 1999).

O lugar da **Granja**, situado numa área de grande fertilidade entre os rios Tinto e Torto, como o próprio topónimo indica, significa uma "propriedade rústica de amanhã". Terá começado por ser um domínio agrícola pertencente ao clero do Porto. A referência mais antiga do lugar remonta ao ano 1594, enquanto nas Memórias Paroquiais de 1758 refere-se a existência de 12 "vizinhos" no lugar. Por ser bastante fértil, na primeira metade do século XIX, aí viviam alguns dos lavradores mais ricos do vale de Campanhã. A Fábrica de Moagem da Granja, fundada em 1876, foi a primeira unidade industrial do género em Campanhã (Pacheco, 1999).

O lugar de **Pego Negro**, no extremo nordeste do vale de Campanhã, englobava terrenos extremamente férteis situados junto do rio Tinto. A origem do topónimo tem várias interpretações, para uns Pego Negro tem a ver com "*os campos em que se cultivava o linho, e em cujas imediações, na altura própria, logo depois de ripado, o mesmo se metia na água a curtir*", enquanto outras opiniões sustentam que Pego deriva de "*Pelagus*" de origem grega, que significa "*qualquer ribeiro, rio, riacho, lagoa, ... e qualquer ajuntamento ou rego de água*". Já em 1141, na carta de demarcação do couto do mosteiro de Rio Tinto, Pego Negro surge como um dos pontos de demarcação territorial. Em 1591 surge referido num registo da freguesia de Campanha. Nas Memórias Paroquiais de 1758 contabilizava 25 "vizinhos". Já em 1895 (com o corte provocado pela abertura da Estrada da Circunvalação) foi anexo a Rio Tinto, situação que devido à contestação popular, apenas durou até 1898 (Pacheco, 1999).

**S. Pedro** é um dos lugares do vale de Campanhã, em que devido à maior densidade habitacional, ao lado da agricultura, se desenvolveu um conjunto de actividades económicas de pequenos serviços. Aqui, segundo alguns autores, ficava a "*eclesia sancti petri*" referida em 1120 na carta de doação de D. Teresa ao bispo D. Hugo. Desde 1972 que existe a paróquia de São Pedro de Azevedo. A primitiva capela de São Pedro foi um local de romaria importante, pois já nas Memórias Paroquiais de 1758 é referida a grande afluência de pessoas da cidade do Porto e das freguesias vizinhas nos festejos do santo (Pacheco, 1999).

**Tirares**, lugar em pleno vale do rio Tinto, era sobretudo um local de actividade moageira e também de actividade agrícola. A referência a Tiraz surge na carta de doação do Couto de Gondomar de 1193, como marco da linha de demarcação. Já o topónimo "Tiraz" presume-se que significará "*espécie de pano de linho com ramos e feitios*". Existe o registo em 1442 de doação de parte da "azinha de Tiraz" em troca de serviços religiosos, e em 1514 a mesma azenha é emprazada pelo novo proprietário. Também, nas Memórias Paroquiais de 1758, Tirares é referido como um dos poucos lugares isentos de pagamento de dízimos, o que também contribuiu para a grande riqueza que a moagem gerava. Em 1966, ainda foi registada a laboração de vários moinhos nesta zona (Pacheco, 1999).

Além do carácter agrícola que caracterizou esta freguesia durante séculos, que fornecia as zonas mais urbanas da cidade do Porto de produtos agrícolas, existiam outras actividades económicas importantes na freguesia, tais como **os pescadores** que se concentravam junto do rio Douro e que gozavam de isenções fiscais desde 1593, e os moleiros que possuíam ao todo **76 rodas de moinhos** ao longo dos cursos de água que atravessavam o território de Campanhã (memórias paroquiais de 1758). Com o século XIX dá-se uma rápida alteração sócio-económica, em que a rápida instalação de indústrias atrai mais pessoas para a freguesia, e com os novos meios de transporte, principalmente com a abertura da estação de caminhos-de-ferro de Campanhã e inauguração da Ponte ferroviária de D. Maria Pia em 1877, a paisagem da freguesia muda drasticamente ([www.campanha.net](http://www.campanha.net)).

A freguesia de Campanhã era o termo da antiga cidade do Porto, constituindo assim um espaço onde dominavam as propriedades agrícolas, sendo que no século XVIII, XIX e XX, algumas das propriedades foram transformadas em **quintas de recreio**. Algumas das quintas mais emblemáticas de Campanhã foram ([www.j-f.org/monografia](http://www.j-f.org/monografia)): a Quinta do Freixo, a Quinta da Revolta, a Quinta de Vilar d'Allen, a Quinta de Bonjóia

No património da freguesia de Campanhã, perto do rio Douro, destaca-se as quintas já acima referidas, a **capela de São Pedro**, cujas origens remontarão ao século XII e o actual edifício do século XIX é o templo mais procurado da área de Azevedo, onde se realizam as festas de São Pedro a 29 de Junho e a da Senhora da Hora no mês de Maio ([www.campanha.net](http://www.campanha.net)).

## Equipamentos

### Parque Urbano de Rio Tinto e Quinta das Freiras (Rio Tinto, Gondomar)

**Quinta de Areias (Campanhã)**, onde funciona o **horto e viveiro municipal**, e quem tem um papel importante no contexto da arborização do concelho do Porto. A primeira referência que se conhece da Quinta das Areias data do século XVIII, tendo sido adquirida em 1937 pela Câmara Municipal do Porto. Com cerca de três hectares, o horto municipal alberga dezenas de espécies de flores, arbustos e árvores ([www.apagina.pt](http://www.apagina.pt)).

**Quinta da Bonjóia (Campanhã)**, em 1995, foi adquirida pela Câmara Municipal do Porto. Depois de algumas obras de restauro, serviu primeiro de sede para a Fundação para o Desenvolvimento Social do Vale de Campanhã, actualmente está aí sediada a **Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto** ([www.bonjoia.org](http://www.bonjoia.org)).

**Parque Oriental (Campanhã)**, está em elaboração o Plano de Pormenor do Parque Oriental, existindo também um grupo de trabalho que está a estudar o prolongamento do Parque para Gondomar ([www.cm-porto.pt](http://www.cm-porto.pt)). Na Carta de Qualificação do Solo do Plano Director Municipal do Porto (2005), o **vale do rio Tinto em Campanhã** está maioritariamente classificado como **Área Verde de Utilização Pública** (Câmara Municipal do Porto, 2005).

**Museu da Ciência e Tecnologia e o Museu da Imprensa (Campanhã)** que foi inaugurado em 1997 e no seu espólio estão algumas máquinas raras da indústria gráfica. A par deste espólio, os visitantes podem apreciar um conjunto de réplicas dos primórdios da imprensa tipográfica coreana, anterior a Gutenberg.

### Marina do Freixo (Campanhã)



## Projectos

A **Câmara Municipal de Gondomar**, no âmbito do Programa Operacional do Ambiente do QCA II, apresentou dois projectos (cuja comparticipação foi aprovada) que incidem no vale do rio Tinto, tendo sido aprovados ([www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)):

- *“Recuperação e Valorização Ambiental da Quinta das Freiras: teve como objectivo principal a contribuir para a qualificação ambiental do Parque Urbano da Quinta das Freiras, no sentido de torná-lo um local onde a população, quer a que habita próximo, quer a residente no concelho ou fora dele tenha um contacto directo com a natureza conseguindo-se assim justificar e mesmo polarizar o desejado espaço de lazer e repouso.*

- *Remodelação e Valorização da ETAR de Rio Tinto, visou a remodelação e valorização da ETAR permitindo assim melhorar significativamente os níveis da sua exploração. Quer ao nível dos efluentes líquidos, quer ao nível da produção de lamas criando-se, assim, melhores condições de garantir o pleno cumprimento da legislação ambiental vigente, e a despoluição do Rio Tinto. Por outro lado, a própria valorização dos espaços envolventes, a pintura das instalações e outros arranjos gerais deram também um contributo positivo para a qualificação ambiental do Rio Tinto*

A Câmara Municipal de Gondomar atribuiu uma verba de 50000 euros para o ano de 2008 para a limpeza das linhas de água, nomeadamente o rio Tinto e o rio Torto ([www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)).

A Junta de Freguesia de Rio Tinto em colaboração como o Movimento em Defesa do Rio Tinto tem vindo a realizar e a promover campanhas de sensibilização ambiental, como a **Acção de limpeza do rio Tinto**, que decorreu em Maio de 2008, tendo participado cerca de uma centena de voluntários que removeram aproximadamente duas toneladas de resíduos das margens e leito do rio (<http://moveriotinto.no.sapo.pt>).

No dia 6 de Abril de 2008, decorreu a **II Caminhada pelo rio Tinto**, promovida pelo Movimento em Defesa do Rio Tinto, com o apoio da Junta de Freguesia de Rio Tinto com vista à sensibilização para a despoluição e requalificação do rio Tinto, na qual participaram cerca de 700 pessoas, que percorreram algumas das margens nos lugares de Levada e Vila Cova (a montante da ETAR de Rio Tinto) (<http://moveriotinto.no.sapo.pt>).

A Câmara Municipal de Gondomar prevê a criação de vários **Parques Urbanos** ao longo do rio Torto, um em Baguim do Monte, na cabeceira do rio (que está proposta para integrar a Reserva Ecológica

Nacional), outro em Fânzeres (Zona Desportiva), e outro em Valbom (com dimensão extra-municipal) (Informação da Câmara Municipal de Gondomar, 17/11/2007).

**Parque Oriental (Campanhã)**, está em elaboração o Plano de Pormenor do Parque Oriental, existindo também um grupo de trabalho que está a estudar o prolongamento do Parque para Gondomar ([www.cm-porto.pt](http://www.cm-porto.pt)). Também no Plano Director Municipal do Porto está prevista a criação de um **Agroparque** no vale do rio Torto. Na Carta de Qualificação do Solo do Plano Director Municipal do Porto (2005), o vale do rio Torto em Campanhã está maioritariamente classificado como **Verdes Mistos** (Câmara Municipal do Porto, 2005).

## Bibliografia

BARBOSA, Jorge (2006); Agroparque: uma estratégia ecológica para uma metamorfose urbana; Relatório final do Curso de Licenciatura em Arquitectura Paisagista; Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

CÂMARA MUNICIPAL GONDOMAR a (-); Valbom; Gondomar Plantas Turísticas; Panfleto editado pela Câmara Municipal de Gondomar.

CÂMARA MUNICIPAL GONDOMAR b (-); Gondomar; Gondomar Plantas Turísticas; Panfleto editado pela Câmara Municipal de Gondomar.

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO (2005); Plano Director Municipal; Câmara Municipal do Porto; Porto.

CÂMARA MUNICIPAL DE VALONGO – Pelouro do Ambiente (...); Centros Ambientais de Valongo; Câmara Municipal de Valongo; Valongo.

DIAS, Manuel Augusto; Pereira, Manuel Conceição (2001a); Ermesinde: registos monográficos; Volume I; Câmara Municipal Valongo; Valongo.

DIAS, Manuel A., PEREIRA, Manuel C. (2001b); Ermesinde: registos monográficos; Volume II; 1.ª edição; Câmara Municipal de Valongo; Valongo.

FIGUEIRAS, Paulo P.(1998); S. Veríssimo de Valbom: subsídios para uma monografia; Centro Social e Cultural da Paróquia de S. Veríssimo de Valbom; Gondomar.

FCG (1985); Guia de Portugal; IV Volume; Entre Douro e Minho. I - Litoral. Fundação Calouste Gulbenkian. Pag. 457-470, 508-513.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO VALE DE CAMPANHÃ (1999); Roteiro do Vale de Campanhã; F.D.V.C.; Porto.

MAGALHÃES, Albano, ARMADA, Fina d', CORREIA, Natália (2005); Monografia da vila de Fânzeres; Junta de Freguesia de Fânzeres; Fânzeres.

MA GALHÃES, Albano, *et al* (1999a); Rio Tinto. Apontamentos Monográficos; 1.ª edição; Volume I, Junta de Freguesia de Rio Tinto; Rio Tinto.

MAGALHÃES, Albano *et al.* (1999b); Rio Tinto: apontamentos monográficos; 1.ª edição; Volume II; Junta de Freguesia de Rio Tinto; Rio Tinto.

MARINHO, Joaquim (2003); Rio Tinto: cidade com nome de rio; Junta de Freguesia de Rio Tinto; Rio Tinto.

OLIVEIRA, Camilo (1983); O concelho de Gondomar: apontamentos monográficos; (1932-1938); Porto.

PACHECO, Hélder (1999); O Vale de Campanhã na memória da gente; Fundação para o Desenvolvimento do Vale de Campanhã; Porto.

PACHECO, Hélder (1986); O grande Porto: Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo e Vila Nova de Gaia; Novos Guias de Portugal: 4; Presença; Lisboa.

REIS, José (2002); Ermesinde: monografia-mapa; Artihora; Porto.

REIS, Paula A.S.C. (2002); Situação actual dos rios e ribeiros do concelho do Porto; Dissertação de Mestrado; Escola de Engenharia da Universidade do Minho, Instituto Superior de Engenharia do Porto.

Carta Geológica de Portugal

[www.campanha.net](http://www.campanha.net)

[www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)

[www.j-f.org/monografia](http://www.j-f.org/monografia)

<http://campoaberto.pt/>

[www.campoaberto.pt](http://www.campoaberto.pt)

[www.jf-riotinto.pt/](http://www.jf-riotinto.pt/)

[www.cm-porto.pt/](http://www.cm-porto.pt/)

<http://moveriotinto.no.sapo.pt>

[www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc](http://www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc)

<http://jup.pt>

[www.apagina.pt](http://www.apagina.pt)

[www.bonjoia.org/](http://www.bonjoia.org/)

[www.fapas.pt/riotinto.html](http://www.fapas.pt/riotinto.html)

[www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)

[www.futurosustentavel.org](http://www.futurosustentavel.org)

<http://moveriotinto.no.sapo.pt/>

[www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

[www.jf-baguimdomonte.com](http://www.jf-baguimdomonte.com)

[www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc](http://www.eb23-frei-manuel-sta-ines.rcts.pt/projedu/projedumeio05-6.doc)

<http://fanzeres.home.sapo.pt/vfhistoria.htm>

<http://fanzeres.j-f.org/>

[www.apagina.pt](http://www.apagina.pt)

[www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)

[www.jf-gondomar.pt](http://www.jf-gondomar.pt)

[www.gondomar.pt](http://www.gondomar.pt)